

TERAPIA DE LUTO

“Toda humanidade tem um só Autor, e um único volume; quanto um Homem morre, um Capítulo não é tirado do livro, mas traduzido em um idioma melhor; e cada capítulo deve ser assim traduzido. Deus emprega vários tradutores; algumas peças são traduzidas pela idade, outras pela doença, algumas pela guerra, outras pela justiça; mas a mão de Deus opera em cada tradução; e a sua mão irá encadernar de novo todas as nossas folhas que foram espalhadas, para aquela Biblioteca onde cada livro ficará aberto um para o outro”.

John Donne (1573-1631)

REDE DE ENSINO
Instituto Jáfia

CURSO LIVRE DE PSICOTEOLOGIA
“Aconselhamento Cristão”

TERAPIA DE LUTO
“Deus conhece a dor da perda!”



Rede de Ensino
Instituto Jáfia

Ensinando vidas para transformar esta geração

Introdução

Deus não criou o ser humano para a morte, muito pelo contrário – VIDA ETERNA.

A morte destrói a beleza. A morte violenta cria obscenidade – sem estética, horrível, cruenta. Não podemos embelezar a morte. Podemos viver com ela e aceitá-la, mas não é possível modificar a sua natureza repugnante.

A morte é consequência do pecado, por isso que é tão difícil de aceitarmos.

Ao colocar o homem no Jardim do Éden, Deus estabeleceu limites, uma prova de fidelidade e amor era não comer do fruto proibido: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda erva que dá semente e que está sobre a face de toda a terra e toda árvore em que há fruto de árvore que dá semente; ser-vos-ão para mantimento. E todo animal da terra, e a toda ave dos céus, e a todo réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde lhes será para mantimento. E assim foi. E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã: o dia sexto”. **Gênesis 1:27-31**

“E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”.

Gênesis 2:16-17

O original nos aponta: “NO DIA EM QUE DELA COMERES – MORRENDO, MORRERÁS”.

Para evitar a redundância, a tradução no português ficou ‘certamente morrerás’, mas a grande verdade Deus estava falando: “no dia em que vocês desobedecerem, e comerem do fruto proibido, começa um processo de morte – morreréis espiritualmente que começa um processo de morte física”.

Somos um espírito, que possuímos uma alma e moramos num corpo. Essa tricotomia humana na morte, se separa: O espírito volta a Deus, a alma vai para o destino que a pessoa decidiu em vida, e o corpo volta ao pó da terra – “No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás”. **Gênesis 3:19**

O termo hebraico para morrer é “*mûth*” que pode ser usada tanto no sentido literal como figurado (**Gn 25.8; Jz 8.32; Jó 1.19; Pv 10.21**).

“O homem que nasce uma só vez pode morrer três vezes, mas aquele que nasce duas vezes, pode até morrer uma, mas tem a vida eterna!”

Jesus resolveu a situação da morte eterna, portanto, eu tenho que ACEITÁ-LO como Único Senhor e Salvador, e assim fazendo, posso também desfrutar do Espírito Santo CONSOLADOR, que nos consola em todas as nossas tribulações.

Morte é separação, afastamento, e ninguém gosta de se afastar de quem ama.

O luto é um processo terapêutico da alma, porém há lutos complicados, lutos mal resolvidos e lutos normais, que por mais difícil que seja, é a fatalidade da vida – A MORTE.

Porém, àquele que está em Cristo, tem uma viva esperança – “EM BREVE NOS VEREMOS NA ETERNIDADE EM GLÓRIA”, momento este pelo qual o apóstolo Paulo nos instrui: “Consolai uns aos outros com essa viva esperança”!

Esse é o tema deste módulo, e minha oração, é que Deus vos use para consolar enlutados, sabendo que Deus enxugará dos olhos toda lágrima.

Boa Aula!
Claayton Nantes

Terapia de Luto

O carro fúnebre começou a sua tristonha jornada há milhares de anos, como uma padiola feita de galhos de árvore.

Padiola, trenó, carroça, Cadillac: o meio de transporte mudou, mas o cadáver que leva é o mesmo.

O nascimento e a morte envolvem o homem numa espécie de parêntese da vida. E os sinais no começo e no final deste parêntese continuam impenetráveis.

Muitas pessoas têm a ilusão de que se a pessoa é crente vai ficar imune de uma doença, doenças malignas e até da morte.

É comum ouvirmos comentários desse tipo quando damos a notícia que um pastor, um líder, um cristão que está com uma doença maligna irreversível: “mas como pode, ele é crente?!”

O próprio Senhor Jesus Cristo disse: “Tenho vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo”. **João 16:33**

De início, há um misto de revolta e descrença. Um questionamento: Como Deus permitiu tal coisa?

Em primeiro lugar temos que ter a consciência que embora sejamos cristãos, SOMOS HUMANOS, e em segundo lugar, não somos eternos nessa terra.

Infelizmente o número de cristãos enfermos é muito grande, e muitos questionam, por que muitos dos que estão enfermos a maior parte são evangélicos? Além da batalha espiritual que travamos, infelizmente muitos cristãos negligenciam a ‘mordomia do corpo’; o cuidado da saúde; o cuidado com o “Templo do Espírito Santo”; não comem direito, não tem uma disciplina saudável para o corpo, nervoso, estresse, pressões, lutas e tribulações e uma hora a ‘*conta chega*’.

Chegamos a uma era de um avanço tecnológico sem precedentes; avanço científico e uma explosão de conhecimento; o homem explora o universo, outros planetas, no entanto não consegue resolver o mistério inexorável da morte. As autópsias se tornaram mais sofisticadas, outros investem em preservar o corpo em embalsamentos com as técnicas mais variadas possíveis, porém jamais consegue restaurar a vida. Tudo muda, mas a morte é imutável.

Cada um de nós está sujeito à morte. A morte não escolhe idade, classe social, formação, carreira, condição financeira, sexo, ela vem para todos, embora, é bem verdade que muitos passam por ela precocemente, uma fatalidade, um acidente, uma imprudência, um erro médico, um diagnóstico irreversível, a triste notícia de exames conclusivos da qual o médico tem que passar à família: “não tem mais jeito, o caso dele é terminal”, e aí enfrentar os próximos dias desenganado pelos médicos, faz com que todo indivíduo reveja os valores e prioridades da vida!

Tanto o lavrador como o executivo vivem à sombra da morte, tanto o cirurgião que transplanta um coração prorroga a vida de uns, mas, continua passivo de morte. A morte não poupa ninguém.

A morte nos fere, mas as feridas surgem para serem curadas. E – dado tempo – serão curadas. Mas devemos querer a cura. Não podemos ser como a criança que fica tirando a casca da ferida.

A vida precisa continuar, mesmo que tenhamos perdido a pessoa a quem mais queremos, mesmo que a vida pareça ter perdido o seu significado. Se nos sentirmos culpados, devemos procurar o perdão.

Nesse misterioso relacionamento entre a soberania de Deus e a liberdade do homem, a duração de nossa vida pode ser afetada por nossos próprios atos. Um médico bastante conhecido expressou sua

opinião nestas palavras: “Estou convencido de que Deus decide a respeito da vida e da morte. Um paciente morre, o outro se recupera, quando submetidos a condições aparentemente iguais”.

Por mais que a pessoa já venha com um quadro debilitado de saúde, os familiares e entes queridos nunca estão preparados, não tem como “se preparar para a morte”; por mais avançada que seja a idade, para àquele que ama – “SEMPRE FOI CEDO DEMAIS”, mesmo que tenha passado dos 100 anos.

Jesus é a RESSURREIÇÃO E A VIDA, mas Ele mesmo teve que passar pela morte, nem Ele escapou, e morte de cruz; porém, por não haver pecado algum em Sua vida, a morte não pode detê-Lo, e ao terceiro dia Ele venceu a morte!

Paulo entendeu que esse “salário, essa paga”, Jesus não tinha direito: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor”. **Romanos 6:23**

Porém, para ressurgir, teve de, primeiramente passar pela morte.

Então, diante de tal quadro, que atitudes tomar? Como ministrar a um doente, cuja terminalidade fora constatada pela medicina? Como ajudar, consolar os que perderam um ente querido? Uma das melhores e mais eficazes técnicas é ajudando ao próximo. Procurando curar outros a pessoa é curada.

COMO AGIR COM QUEM RECEBE DIAGNÓSTICO TERMINAL?

Em primeiro lugar, devemos agir de maneira amorosa e ao mesmo tempo realista.

1. **Seja amorosamente realista** – não seja afoito, prometendo a cura a um enfermo, se a vontade de Deus é coroá-lo com a morte, para que esta venha a edificar outras vidas. Então, de maneira sábia e equilibrada, lembre-lhe: Deus pode recuperá-lo completamente. Todavia, “preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos”. **Salmo 116:15**

Se você, contrariando a vontade e a soberania de Deus, garantir ao enfermo que ele será restabelecido, vindo ele, porém, a falecer, a consolação que lhe ministrará só acrescentará dor à dor de seus entes queridos.

2. **Dê oportunidade ao enfermo de falar com sua cobertura espiritual** – apesar de crermos no sacerdócio universal, não podemos desprezar a recomendação apostólica: “Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis; a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos”. **Tiago 5:16**. É muito importante a pessoa que está enferma conversar com alguém de confiança, tirar dúvidas, liberar perdão e ‘quitar dívidas espirituais’. Se um crente, desfrutando de plena saúde, necessita confessar suas faltas a um irmão, o que não fará um doente terminal? Necessita confessá-las para que a sua comunhão com o Pai Celeste seja perfeita. Infelizmente muitos familiares por não professarem a mesma fé, impedem o enfermo de ter um momento com seu pastor, sua cobertura espiritual. No entanto, não podemos tolher o direito de o enfermo ter acesso a esse benefício e conforto espiritual. Busquemos, pois, convencer os parentes, esclarecendo-lhes ser a assistência da fé imprescindível ao enfermo. Não se esqueça, porém: nada de infundir falsas esperanças à família; isto não lhe faria bem. Tendo você acesso ao enfermo, deixe-o à vontade para falar de sua vida espiritual e de suas dúvidas. E se houver algum pecado, mágoa, ódio, ira, rancor a confessar, ouça-o amorosamente e atentamente

como fazia o Senhor Jesus aos que o buscavam. Exerça o ministério de reconciliação. E, assim, mesmo ciente da gravidade de seu estado, o doente não se deixará tomar pelo desespero; descansará nos braços do Salvador. “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, unguendo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”. **Tiago 5:14-15.**

3. **Não esconda a verdade do enfermo** – Via de regra, os familiares, e até o próprio médico, não informam ao doente a gravidade de seu estado para não debilitar-lhe o ânimo. (hoje, muitos médicos usam a forma inversa – exageram no diagnóstico e se for menos é vantagem); Temos que ter amor e equilíbrio e dar à pessoa a oportunidade de se consertar, falar o que precisa ser dito, reconciliar o que necessita reconciliar, perdoar e liberar pessoas, ou muitas vezes confessar segredos que a angustiam, se arrepender e pedir perdão. Temos que dar a oportunidade de conversar livremente. Muitos vão perguntar ao pastor ou líder: “Diga-me a verdade, quanto tempo eu tenho de vida?” Temos que ser o mais ético, verdadeiro e sincero possível. Tempo, ninguém pode garantir, porém, temos que estar preparados para o encontro com nosso Senhor! É de fundamental importância que o enfermo saiba de seu real estado de saúde. Assim, terá condições de instruir a família quanto a algum negócio pendente. Lembre-se do caso de Ezequias. Um piedoso rei de Judá ao qual o Senhor enviou o profeta Isaías com uma mensagem direta e sem nenhum discurso circular: “Põe tua casa em ordem, porque certamente morrerás e não viverás”. **Isaías 38.** O enfermo não deve ter falsas esperanças quanto à sua terminalidade. Juntamente com a informação acerca de seu estado de saúde, ministremos-lhe consolações do Espírito Santo. Na dor, não faltará conforto.
4. **Permitir à pessoa viver os melhores dias de sua vida** – realizando o que sempre sonhou, visitando quem gostaria, ou convidando para uma visita das pessoas que marcou a vida dela, mas acima de tudo aproveitar esse tempo que tem para aumentar a sua comunhão com Deus; procurando estar preparado; infelizmente para muitos, nem mesmo a morte faz com que se interessem por Deus e pela eternidade, por isso o escritor de Eclesiastes nos alertou **Eclesiastes 12:1**

Podemos orar com fé, numa situação de diagnóstico terminal, porém não podemos iludir e nem dizer que a pessoa vai ser curada, se Deus não nos deu uma Palavra Rhema. Como também não convém responsabilizar o enfermo como se fosse “falta de fé, incredulidade dele”; temos que entender a soberana vontade de Deus. Por mais que o quadro seja grave, temos que ter sabedoria, equilíbrio e ética para falarmos a verdade em amor, sem criarmos expectativas surreais, porém, o que é mais importante é a pessoa estar em paz quanto à sua eternidade, tendo Jesus como Senhor e Salvador de sua vida.

O fato de vivermos ou morreremos não pode afetar nossa fé básica em Jesus Cristo. A morte, e não a cura, é a grande libertação de toda dor e sofrimento. A morte liberta o povo de Deus das mãos de governantes tiranos, da devastação da doença, e de toda aflição maligna – combateu o bom combate!

O que importa é que a despeito do sofrimento e enfermidades a pessoa vá até as últimas consequências crendo em Deus plenamente – “MORRERAM EM FÉ!”

Muitas vezes a cura que o Senhor tem para o enfermo é a cura não do corpo, mas sim, da mente e do espírito. Cura do medo, do ressentimento, da amargura, da mágoa, da preocupação com a família e a cura é uma cura completa e eterna – LEVANDO-A PARA SI!

O conselheiro cristão tem a oportunidade de preparar o enfermo para sua passagem para a eternidade, e também deverá preparar a família devidamente, levando-a a aceitar o inaceitável – a morte; com a consciência de que se o ente querido está em Cristo, e o tem como Senhor e Salvador da sua vida, estará infinitamente melhor do que nesta terra de dor, enfermidades, lutas e sofrimentos. Deus ama tanto aos que leva, como aos que ficam proporcionando conforto e consolo através do Espírito Santo.

Mesmo que a perspectiva médica seja desesperadora, podemos sempre ter esperança em relação a nossos filhos em tal momento, mas temos que ser realistas e confiantes quanto à vida eterna. Podemos ter a certeza de que depois de que depois dele morrer, ficará completamente livre da doença e do sofrimento e tudo o mais, e estará completamente bem e feliz.

A fala de Jó quando perdeu seus 10 filhos e foi acometido de uma terrível enfermidade jamais deve sair da boca do conselheiro, isso foi a espontaneidade de Jó, e não de alguém que o aconselhou: – “Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor”.

Temos que entender que a vida não termina com a morte. A morte física é a separação deste mundo, mas um prelúdio para a eternidade. O espírito volta a Deus, o corpo é o que está dormindo, é o que volta ao pó, porém a alma, vai para onde a pessoa decidiu em vida passar a eternidade – ou no Paraíso (aguardar até o dia do arrebatamento), ou já para o Hades, àqueles que não passaram pela porta que é Cristo.

Muitas pessoas enxergam a morte como o fim, o término de qualquer esperança – “acabou...”, porém, entre os antigos hebreus, todavia, a morte é descrita como se a vida continuasse noutro plano. Falando de Moisés, seu servo, disse o próprio Deus: “Moisés, meu servo, é morto” **Josué 1:2**

Por que assim se referiu o Senhor ao seu servo? Séculos mais tarde, explicar-nos-ia o mesmo Cristo: “Que os mortos não de ressuscitar também o mostrou Moisés junto da sarça, quando chama ao Senhor Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas de vivos, porque para ele vivem todos”. **Lucas 20:37-38**

Sabia Davi, de igual modo, que os mortos não voltam a este mundo, mas quando alguém morre na fé, podemos, os que para Deus vivemos, congregar-nos com esse mesmo alguém no seio de Abraão. Assim disse o penitente monarca quando a morte de seu filho: “Poderei eu fazê-lo voltar? Eu irei a ele, porém ele não voltará para mim”. **2 Samuel 12:23**

Portanto, usemos a Palavra de Deus para ministrar todos os consolos que o Senhor nos coloca à disposição para confortar os aflitos. Em momentos como este, afirmava o Senhor Jesus: “Não chores, Eu sou a ressurreição e a vida”.

Processo de Luto

Uma fase triste e difícil. A experiência de viver o luto é única, só quem vive sabe o que é; e cada um vive a sua dor, e cada luto reagimos de maneira diferente, pois cada pessoa tem um significado dentro de nós diferente.

O luto não é doença, não é depressão, não é estresse pós-traumático, é luto.

O luto é o preço do amor; por que sofre? Porque ama a pessoa que se foi.

Lidar com a perda é sempre um processo muito difícil, que provoca diversas reações emocionais. (dor de cabeça; dor de estomago; moleza, dores musculares; sistema imunológico abalado, ficamos mais propensos à resfriado), mas o luto em si não é depressão, não é estresse, não é transtorno de estresse pós-traumático – é luto. Luto não é doença, é condição, é fase da vida.

Tem que vivenciar, tem que viver o momento de luto, porque se você não vivenciar o momento de luto, uma hora ele vai bater a sua porta. É uma perda. Tem que chorar, tem que sofrer o luto. É um vazio, um buraco negro no peito que suga as energias. Nunca vamos estar preparados para perder quem a gente ama. Apesar da repetição infinita da morte, ela nunca será aceita com naturalidade e jamais o será.

É comum o questionamento: “Quanto tempo isso vai durar?!” Não existe um tempo certo de duração do tempo de luto.

Como era a relação com a pessoa que partiu?

Como foram os últimos momentos com a pessoa em vida?

Como você está vivenciando esse processo. Se quisermos realmente ajudar quem estiver passando por esse processo precisamos encorajá-la a continuar vivendo de forma radicalmente diversa, precisamos estimulá-la a agarrar-se firmemente à realidade. Não devemos encorajar fantasias e nem negar a realidade de que está no ‘quarto ao lado’, e qualquer hora vai entrar pelas portas – não vai!

Tratar a tristeza realisticamente começa, com toda probabilidade, com uma expressão sincera dos sentimentos. As lágrimas são válidas e de ajuda tanto para os adultos como para as crianças, para os homens como para as mulheres. Jesus chorou junto ao túmulo de um amigo, na presença das irmãs desse amigo. A morte nunca é uma experiência feliz. Procure não reter as lágrimas “para poupar sofrimento aos que ficaram, se demonstrar forte, ou por causa das crianças”, essa não é a maneira como se trata um luto – as emoções foram criadas por Deus para fazerem parte do processo curador e terapêutico.

Somente os médicos ou profissionais capacitados é que podem prescrever tranquilizantes, calmantes para os que sobreviveram e em último caso; porém se houver um surto psicótico é aconselhável que leve imediatamente ao pronto socorro para uma intervenção imediata.

À medida do possível é necessário os entes queridos (principalmente os mais ligados à despeito da idade) se despeçam do cadáver no caixão antes do sepultamento, inconscientemente ajuda a “fechar o ciclo da vida”, encerrar o processo e avisar ao cérebro da separação que vai ter com a pessoa. Àqueles que querem realmente ajudar e demonstrar apoio a melhor atitude é a presença em silêncio – a quietude neste momento é o que mais transmite sensibilidade e compreensão – “o estar junto!”

Não se força e nem obriga os entes queridos a se desfazerem de todos os pertences do falecido – isso é no tempo da pessoa (cada pessoa tem o seu ciclo de pertencimento, despedida, e o desfazer precoce pode ser prejudicial); não devemos forçar a nossa vontade.

Sepultar o corpo é um ato de dignidade e psicologicamente “encerra o ciclo da vida – porque és pó ao pó tornará”. Além do que, até os próprios animais de estimação necessitam ser sepultados, caso contrário veríamos o apodrecimento e decomposição, as moscas o cobririam espalhando mais e mais doenças.

Apóstolo Tiago, irmão de Jesus Cristo, registra que a verdadeira religião é uma ação terapêutica: “Visitar órfãos e viúvas” – interessante que os dois estão relacionado à perda: perda dos pais, e perda do cônjuge. **Tiago 1:27**

A igreja local ou um grupo religioso deveria fornecer esta espécie de reforço continuado.

Luto normal X Luto complicado

A intensidade das emoções e a continuidade da vida da pessoa.

Envolvendo alteração psíquica e alteração física.

Acidente ou tragédia inevitável.

Temos que vivenciar o luto. não adianta mergulhar em atividades que sobrecarregam e trabalhar de forma exaustiva como fuga. A raiva, desesperança, culpa.

O luto passa por fases:

Fase da Negação (isso não é verdade, isso não está acontecendo)

Fase da Raiva (isso não é justo, isso não deveria ter acontecido)

Fase da Barganha (eu vou melhorar o meu jeito de ser; eu prometo isso se...; por favor faça isso acontecer que eu faço...)

Fase da Depressão (se dê ao direito de estar triste; não há mais o que fazer; sou incapaz de mudar isso).

Fase da Aceitação (não significa o esquecimento; aquela pessoa sempre será lembrada); outras pessoas precisam de nós.

Como superar? Como lidar com a perda?

Precisamos entender a nossa impotência, por mais que tenhamos feito tudo por aquela pessoa, o poder da vida e da morte não cabe a nós. Jamais vamos atender ou aceitar, mas não evite as lembranças. Fale dos bons momentos com essa pessoa, o que ela gostava, qualidades dela? Defeitos dela?

Fazer um diário dos pensamentos – uma espécie de cartas, escreva sobre essa pessoa querida.

Escreva tudo o que você sente, a raiva que você sente por ela ter partido; o luto é um momento de dor, continue sua vida lembrando como ela foi especial para você. Nada e ninguém vai substituir a vida dessa pessoa.

A morte é um assunto muito pouco discutido, porém ela tem sido algo muito presente em nossas vidas. Não temos preparo e por isso criamos crises de superação.

O luto faz parte da nossa superação, nos ajudando colocar as coisas em uma perspectiva diferente. Lamentarmos a perda e nos reerguermos.

Sempre teremos dificuldade de aceitar, entender e superar, mas temos que entender a Soberania de Deus, existe a VONTADE (que é sempre boa, perfeita e agradável) e a PERMISSIVIDADE (vontade permissiva de Deus).

SUPERAÇÃO:

Identificar em qual fase do luto seus pensamentos estão.

Faça um diário de atividades por 2 semanas consecutivas; e classifique os seus pensamentos nas 5 fases (qual pensamento você sente?).

Escreva uma carta, como um processo de despedida; mas colocar tudo o que você está sentindo por ela ter partido, escreva uma carta do que essa pessoa significava e representa para você. (de preferência a carta tem que ser redigida à mão e a lápis, pois assim consegue expressar a tensão no papel).

Luto complicado – o processo são 3 cartas, onde na primeira vai se expressar a “explosão emocional”, a ira da pessoa ter partido; tudo o que você gostaria de falar para a pessoa mas não deu tempo. A segunda carta é uma carta de saudades, das boas lembranças, o que você gostaria de dizer para pessoa, a falta que ela tem feito nesse tempo de sua ausência; e a terceira carta, é uma carta de despedida, onde inconscientemente avisa “ao cérebro”, que a pessoa se foi; e aí para fechar o ciclo – se despede, agradece as contribuições que a pessoa fez em sua vida, e a falta que ela vai fazer!

Respiração profunda com os olhos fechados, cada uma das narinas.

Comprimir o máximo do corpo 3 segundos e solte tudo.

Quais são os seus motivadores?

Você tem que superar as fases do luto de uma maneira saudável.

Não tenha medo de se esquecer da pessoa, porque você nunca vai esquecer. Isso é superável;

É normal estar perdido, é normal não sentir mais alegria, é normal não sentir direção.

Temos que superá-lo de uma maneira saudável, porque é uma perda significativa.

A vida é realmente frágil. Não se preocupe com o amanhã e nem com o ontem; viva o hoje.

Vai um tempo para conseguir ressignificar a vida, rever os alvos, projetos e metas a curto, médio e longo prazo.

Você sabe onde ela está? Para onde ela foi?! Tem alguma dúvida nisso.

O que você tem feito para superar?! O que você está fazendo quando a dor vem?!

Quem mais vive com você. O que foi o luto para os demais da família?

Não tem palavras que possa consolar o coração, a verdade é que tem que se ressignificar, tem que reprogramar, reprojeter a vida.

Abraço sincero. Olhar acolhedor. Estamos à disposição. (levar uma sopa para a família enlutada)

A experiência de viver o luto é única, só quem vive sabe o que é; e cada um vive a sua dor.

O luto não é doença, não é depressão, não é estresse pós-traumático, é luto.

Como ajudar quem está de cara com a morte?

Uma doença com risco de morte, um acidente que levou a poucas horas de vida; uma enfermidade surpresa, ou inesperada ou apenas a velhice forçando-o a encerrar sua própria mortalidade? Sua possível morte está pairando como uma nuvem escura sobre a sua vida? Você tem certeza do que vai acontecer quando morrer? Como você está lidando com suas dúvidas acerca da morte? Com medo? Terror? Negação? Mantendo-se ocupado?

A maioria das pessoas preferem não pensar ou falar sobre sua própria morte. Mas ignorá-la não a impedirá de acontecer. A possibilidade de cada um de nós passar pela morte é de 100%. Avanços na medicina ou tratamentos alternativos podem até prolongar um pouco a vida, mas ninguém viverá para sempre no corpo desta carne. Em um momento ou outro, você e todos aqueles que você ama, morrerão. Porém, temos que entender, que a morte não é a última frase no livro da nossa vida. Cristãos têm testificado com todo o coração durante séculos: “Creia na ressurreição dos mortos e na vida eterna”. Isso significa que se você estabelecer Jesus Cristo de Nazaré como seu Senhor e Salvador, sua morte física não será a última frase no seu livro – onde a vida tinha estabelecido um ‘ponto final’, Jesus veio e fez uma vírgula.

A todos àqueles que creem em Jesus Cristo, ouvirão: “Muito bem, servo bom e fiel... entra no gozo do teu Senhor!”. **Mateus 25:21.**

Paulo dedica um capítulo inteiro de sua carta aos irmãos de Corinto para tratar da ressurreição – **1 Coríntios 15.**

Muitos sentem medo, dúvida, insegurança, terror quando pensam em encarar sua morte, porém, quando você conhece a Jesus intimamente, lhe dá coragem para encará-la com fé e confiança em Jesus Cristo.

A Bíblia sempre trata da morte como “inimiga”, aliás, é até chamada de “o último inimigo a ser vencido”, fazendo parecer algo errado e não natural, e de fato o é. A morte é inimiga de Deus, do homem feito à imagem de Deus, do animal com o qual o homem participa da carne, sangue e nervos.

Salmo 39:4-7; Salmo 90:12; Salmo 116:3-7 e Salmo 23:4, o salmista cita “vale da sombra da morte”, ou “cordéis da morte me cercaram”, podendo se dar de várias formas:

1. **Perda da Saúde:** se você está lidando com uma doença crônica ou uma catástrofe repentina, um diagnóstico terminal, as perdas que vêm com o sofrimento físico prefiguram a morte.
2. **Perda de entes queridos:** quando a morte vem para aqueles que amamos, nós sentimos a sombra dela de uma forma vívida. Mas também passamos por perdas quando um relacionamento termina por qualquer razão. Quando você é traído em um relacionamento, você sente um pouco do gosto amargo da alienação, do isolamento e do abandono que é a experiência final da morte.
3. **Perda da juventude:** os anos se acumulam, o cabelo fica branco, surgem as rugas, o corpo começa a ficar mais frágil e a memória tende a falhar. É como se as mãos pesadas das trevas se colocassem sobre você.

4. **Perda da independência:** ao envelhecer, você percebe a fraqueza de diversas formas. A velhice pode torná-lo tão dependente quanto uma criança, mas para crianças a expectativa é de ganho. Quando você envelhece, sua expectativa é apenas de perda.
5. **Perda de utilidade:** se você viver por muito tempo, ultrapassará seu período de utilidade para o mercado de trabalho e observará a vida passar sem você, porém você precisa aprender a extrair o melhor da 'terceira idade', tem como vivê-la abundantemente (é a nossa próxima matéria).
6. **Perda do sentido das coisas:** quando você envelhece, conquistas, opiniões, status, sucesso e o que mais você lutava para ter perdem o significado.

Muitas são as causas da morte, desde morte natural (de recém nascido à idoso), além de acidente, velhice, enfermidade, desastre da natureza (furacões, tsunamis, desabamento, tempestades), fatalidade etc., porém a Bíblia aprofunda nossa reflexão sobre a verdadeira causa da morte é o pecado. **Romanos 6:23.** Toda causa de morte é um subconjunto da santa e justa ira de Deus sobre pecadores. Todos nós fomos afetados pela maldição.

Pecado é viver no mundo que pertence a Deus e agir como se estivéssemos no controle.

Muitos estão aprisionados pelo pavor da morte como escravizados por satanás. Ele é assassino, ele é homicida desde o princípio. **Hebreus 2:14-15.** Jesus contrasta com o homicida, o destruidor, o ladrão, Ele enfrentou a morte pela humanidade, o Único inocente que já existiu, encarou a morte não por causa dos Seus próprios pecados, mas pelos pecados do povo. **João 3:16.**

Na cruz Ele encarou a morte em todas as suas dimensões. Ele foi morto por asfixia e tortura, mas essa foi apenas a causa física de Sua morte. Quando morreu, Ele suportou o salário do pecado, sofreu a malícia do maligno e experimentou a ira santa de Deus. Cristo, o Inocente, morreu voluntariamente pelo culpado.

Quando Ele voluntariamente entregou a própria vida, a morte foi destruída por Deus e Jesus ressuscitou para uma nova vida. A graça de Deus destruiu o destruidor e a morte foi jogada no inferno. Por causa de Jesus, a vida tem a palavra final.

Como ter certeza de vida eterna?

Atos 4:12

Somente Jesus Cristo de Nazaré, que veio em carne e sangue é que pode resolver a dívida do pecado. É que pode apagar nossos pecados de uma vez por todas, quando O aceitamos como Único e Suficiente Senhor e Salvador de nossa vida. Em Sua morte, Ele pagou o preço pelo nosso pecado, e Sua ressurreição é a garantia da nossa ressurreição. **Romanos 10:8-17; João 5:24.**

Por causa de Jesus, você não precisa ter medo de que, quando morrer, enfrentará o julgamento de Deus. Jesus já o experimentou por você! O que lhe espera após a morte é vida real – vida eterna. Você não precisa conquistá-la. Ela é o dom de Deus para aqueles que põem sua confiança em Jesus.

“DOM GRATUITO” – dádiva, presente.

Todos nós merecíamos a morte, mas Jesus viveu a nossa vida, morreu a nossa morte, para nos dar a Sua vida.

Muitos na fase final da vida terrena desenvolvem um medo muito grande, porém se estamos em Cristo temos que ter a seguinte consciência: “A morte é um túnel que não precisa ser temido para aquele que confiam em Jesus como Seu Senhor e Salvador, pois Ele nos levará através deste túnel até o céu”. Nossa experiência do céu, segundo a Bíblia, será em dois estágios: primeiro – imediatamente depois da morte, uma existência puramente espiritual, onde a alma vai para um ambiente em que Paulo chama de Paraíso ou ainda Terceiro Céu (**2 Coríntios 12-13**); até chegar ao grande Dia (**1 Tessalonicenses 4:13-18**), onde o espírito se unirá com a alma e receberão um corpo glorificado. Na morte há a separação do espírito (que volta a Deus), o corpo (que volta ao pó e é o único que está dormindo), e a alma já vai para o destino que a pessoa decidiu em vida (ou Paraíso – através de Cristo Jesus; ou para o Hades – já local de tormento). Durante o primeiro estágio, nossos corpos voltarão ao pó na sepultura, enquanto nossos espíritos – a parte não-material de nós que constitui a essência do indivíduo – irá para o céu a fim de estar com Deus. Uma razão para esta existência espiritual consciente, sem um corpo, pode ser para convencer-nos de uma vez por todas de que somos mais do que corpo, que – como o próprio Deus – podemos encontrar inteireza e plenitude num estado puramente espiritual.

Compartilhar da vida de Jesus é o modo como você enfrenta todas as sombras da morte neste mundo infeliz e caído, e é como você encara a escuridão final da morte em si. Porque Jesus vive, você sabe que ele estará com você quando morrer. Porque Jesus vive, você sabe que Ele estará esperando por você após a sua morte. Porque Ele vive, você também vive!

Jesus encarou e enfrentou a morte como um inimigo feroz, Ele calou na cruz as palavras do **Salmo 22:1**. Na cruz, Jesus viveu esse salmo de tortura e morte. **Mateus 27:46**; Mas esse salmo também é de esperança. **Salmo 22:24**. Jesus não estava insensível quando morreu. Ele olhou a morte nos olhos, sentiu intensamente sua dor, degradação, horror e perda, e então confiou em Seu Pai celestial quando disse: “Nas Tuas mãos, entrego o meu espírito”. **Salmo 31:5**; **Lucas 23:46**. Não foram palavras ditas com calma e tranquilidade, mas em agonia, tortura e dor.

Quando você estiver encarando a morte, ou aconselhar alguém que está encarando a morte, ou passando pelo ‘vale da sombra da morte’, tem que se aproximar de Jesus. Ele lhe dará perdão, misericórdia e ajuda no tempo da necessidade. Não há necessidade de se encolher num canto, se isolar, se fechar no seu mundo e nem fingir que não vai morrer, ou fingir que não está doendo, ou que não vá doer. Você pode confiar sua alma ao Pai celestial, assim como Jesus fez.

A QUESTÃO NÃO É MORRER. A QUESTÃO É QUEM VOCÊ ENCONTRARÁ DO OUTRO LADO?

Se o seu anseio é ver Jesus, você não precisa se entristecer, muito pelo contrário, você pode se alegrar e além de ter paz, contagiar as pessoas ao seu lado com a PAZ QUE EXCEDE A TODO ENTENDIMENTO. Não há como você enfrentar a morte com uma coragem sincera e verdadeira se não estiver ansiando ver Jesus. Antigamente as pessoas morriam em seu lar, em sua casa, liberando a bênção sobre filhos e netos, fazendo a última homenagem e dando o último beijo de despedida. Hoje em dia, em nossa geração, a morte moveu-se do lar para o hospital, médicos e enfermeiras substituíram a família, um pai agonizante tornou-se um paciente terminal (que raramente permite a presença de menores no quarto para presenciar os últimos minutos antes do passamento). Se o fim parece iminente e os membros da família ali estão, eles são geralmente colocados para fora do quarto. Por quê? Para protegê-los do choque da morte, para dar ao pessoal médico liberdade de usar de medidas extremas se

necessário, talvez para evitar uma experiência traumática para outros pacientes se um dos parentes entrasse em pânico. Tudo isso é razoável, mas cria problemas – o medo da morte, velho como o mundo, possui hoje uma nova dimensão: a antecipação de ficar só na hora terminal da vida, isolado daqueles com quem as outras horas, anos e décadas da vida foram partilhados. Consentimos em banir a morte do lar para o hospital, onde ela é encenada em um cenário de equipamentos esterilizados e pessoas eficientes, pouco familiares, fazendo com que a morte torne-se ainda mais solitária. A melhor forma de ajudar é contando ao doente toda a verdade sobre a sua condição e lhe permitindo passar as instruções necessárias e contar tudo o que quiser, porém acompanhá-lo dando apoio emocional. Todo ser humano tem o direito de saber a verdade, e esse direito também pertence à família – muitos médicos antigamente privavam o doente e a família da verdade com a preocupação do enfermo cometer suicídio, porém pesquisas recentes tem mostrado que essa não é a reação da pessoa em fase terminal, raras exceções. Podemos proporcionar ao paciente falar livremente sobre a sua condição, seus temores e sentimentos e podemos escutá-lo. Devemos ser entretanto sensíveis ao que ele diz, tanto verbal como não-verbalmente. Lágrimas, voltar o rosto para a parede, não querer falar: cada uma dessas coisas diz algo. No lar de Deus, todos os erros são corrigidos, toda a escuridão se transforma em luz, todas as perdas são restauradas e todas as lágrimas são enxugadas. Quando você passa pela morte, você passa pelo momento em que a fé se torna visível. Morrer na esperança de que Deus está com você é passar pela perda de todas as coisas para ganhar tudo, para ganhar Cristo! **Provérbios 11:7** (quando morre o ímpio, sua esperança perece; tudo o que ele esperava do seu poder dá em nada). [Ímpio é todo aquele que não tem Jesus como Senhor de sua vida, e não necessariamente um assassino, pedófilo ou estuprador).

Muitos vivem como se não tivesse vida após a morte, como se não tivesse eternidade e pior ainda, como se não houvesse Deus, como se não existisse a ira de Deus sobre o pecado, como se não existisse o Cristo que nos salvou e como se não existisse o dia do julgamento.

Normalmente àquele que viveu por um propósito de vida, quando o propósito é alcançado, encara a morte com mais naturalidade com o sentimento de “missão cumprida”. “Completo a carreira, combateu o bom combate”. Encarar as sombras da morte com essa visão, lhe fará encará-la de forma frutífera. Jesus falou sobre essa forma de viver para os discípulos quando disse: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me”. **Lucas 9:23**

A única coisa que levamos dessa vida, são as pessoas que pregamos o evangelho e receberam o Senhorio de Jesus, fora isso, não levamos mais nada desta vida.

Quando você passa por dificuldades e luta contra a morte dos seus sonhos, esperanças e desejos, você descobre que apenas o amor por Deus e pelos outros é imperecível. Isso o deixará pronto para enfrentar seu último inimigo, a morte.

Vamos analisar o **Salmo 71**, um salmo que nos ajuda a encarar a morte, e olhar para Cristo. Ele revela as mesmas verdades do **Salmo 23**, mas pela perspectiva de uma pessoa idosa. O homem retratado nesse salmo está velho e grisalho; sua força física começa a falhar, mas três coisas ainda são verdade sobre ele:

1. **Ele tem fé** – Deus ainda é seu refúgio, rocha e fortaleza. Ele implora que Deus não o desampare em sua velhice, dizendo: “Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares”. (v.9). Ele encara sinceramente a fragilidade da vida e põe sua fé em Deus e na ressurreição. Ele diz: “tu, que me tens feito ver muitas angústias e males, me restaurarás ainda a vida e de novo me tirarás dos abismos da terra”. (v. 20). As muitas tribulações não destruíram a sua fé. Pelo contrário, elas o fizeram cada vez mais dependente de Deus e confiante nele.
2. **Ele tem alegria** – Porque ele sabe para onde está indo, ele tem um reservatório de uma alegria sincera e fundamental. Você não consegue fingir quando encara a morte. Ou você está ancorado na certeza da ressurreição e está cheio de alegria, ou você não está ancorado e está cheio de medo. Porque esse homem está cheio da alegria cristã, ele pode dizer, enquanto encara a morte e as tribulações do envelhecimento: “Tu és motivo para os meus louvores constantemente... Os meus lábios estão cheios do teu louvor... esperarei sempre e te louvarei mais e mais... Eu também te louvo com a lira... Os meus lábios exultarão quando eu te salmodiar”. (vv. 6, 8, 14, 22-23).
3. **Ele tem amor**. A fé se expressa no amor. O amor por Deus é sempre expresso no amor pelas outras pessoas. O salmista diz ao Senhor: “Tu me tens ensinado, ó Deus, desde a minha mocidade; e até agora tenho anunciado as tuas maravilhas. Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs; até que eu tenha declarado à presente geração a tua força e às vindouras o teu poder”. (vv. 17-18). Esse homem possui um senso de legado; ele está proclamando àqueles que ama que está morrendo com esperança. Você também é chamado para amar as pessoas, deixando a elas um legado de esperança. Não importa a maneira como você fará isso – uma oração à beira da morte, uma carta escrita para um neto, uma ligação para um amigo afastado de Deus, uma conversa com seus enfermeiros –, mas você é chamado para declarar à próxima geração que você está morrendo com esperança. Seu amor pelos outros também pode ser expresso por meio de reparações àqueles que você magoou. Existem pessoas que você precisa perdoar? Existem pessoas para as quais você precisa pedir perdão? O amor não espera ou fica de cerimônia; ele toma o lugar mais baixo e vai humildemente até o outro.

Não há nada mais poderoso quando você encara a morte do que fé, alegria e amor. Eles o mantêm firme para não desanimar. Pela fé, você olha além da morte para aquele que é a sua âncora. Ao olhar para Jesus, a âncora de sua alma, você se encherá de alegria. E sua fé e alegria vão transbordar em amor pelos outros. Você poderá imitar Jesus e alcançá-los em amor durante os últimos dias, horas e minutos de sua vida. Porque seu Senhor está com você, sua fé e amor vão operar até o final da sua vida.

Pela graça de Deus precisamos aprender a encarar a própria morte, mas também pela graça de Deus, precisamos aprender a viver a vida!

“Estive enfermo, ... e me visitaste”. Enviou-me... a consolar todos os tristes”. **Mateus 25:36; Isaías 61:1-2.**

Uma das melhores oportunidades para se ministrar em nome do Senhor surge quando algum membro da família adoce, ou quando a morte se aproxima. **Eclesiastes 7:2-4.** Porém se o conselheiro não proceder com sabedoria, é possível que o seu ministério nesse aspecto seja de pouco valor, e o resultado de sua atuação em alguns casos seja até negativo.

Ministrar a enfermos e moribundos requer mais destreza que qualquer outro aspecto da obra do aconselhamento. Porém, devido à grande necessidade, convida-se o pastor, conselheiro a visitar os enfermos, quer ele tenha ou não habilidade. Se trabalharmos mantendo sempre o cuidado de não prejudicar os enfermos, conseguiremos ajudar 90% deles.

O pior erro que um pastor, ou conselheiro pode cometer é não visitar os enfermos e os doentes terminais. Aos olhos dos membros da igreja, isso é imperdoável. Ele se desviou do caminho do serviço que caracterizava o ministério de Jesus Cristo, aquele que dedicou muito do seu tempo ministrando aos necessitados, tanto espiritual como fisicamente. Ao adoecer, a pessoa sente mais do que nunca a necessidade de receber uma visita do seu pastor. Também em ocasião de angústia pela perda de parentes queridos, apresentam-se ao pastor-conselheiro grandes oportunidades de se consolar e apoiar os aflitos.

1. **ACONSELHAMENTO DE ENFERMOS:** O Novo Testamento ensina claramente que os presbíteros e pastores devem orar pelos enfermos para que eles sejam curados (Tiago 5:13-16). Parece ser a vontade geral de Deus curar os enfermos. Por isso, o toque curador do Senhor não perdeu seu antigo poder. Alguém disse: “O mais extraordinário dos milagres é que às vezes eles acontecem”. Em muitíssimas ocasiões, Deus honrou a oração da fé curando os enfermos, mas nem sempre opera milagres, e às vezes não cura. Deus muitas vezes não cura milagrosamente algumas pessoas. Temos que considerar também que Deus tem elevados propósitos ao permitir que seus filhos às vezes sofram. Isto dá dignidade e significado ao sofrimento humano.

O pastor visita os enfermos para orar por eles, para consolá-los, animá-los e fortalecer sua fé, para dar significado aos seus sofrimentos. O pastor deve sobretudo fortalecer a fé dos enfermos, assegurando-lhes que o grande Médico está presente e tem interesse neles.

Se o enfermo está em sua casa, convém que o pastor avise à família que o visitará em determinada hora. O pastor deve escolher uma hora conveniente para a família. Também procurará fazer a visita quando tiver tempo para conversar em particular com o enfermo.

Existem algumas normas que têm que ser observadas nas visitas que se fazem aos enfermos no hospital. O pastor, presbítero ou conselheiros devem fazer visitas frequentes, mas breves, de dez a quinze minutos. Deve escolher uma hora que não interrompa as atividades dos que trabalham com os pacientes, como a hora de mudar a roupa de cama ou de servir a comida. Deve respeitar os avisos colocados na porta do quarto, tais como “não se admitem visitas”. Nas horas fora do horário de visitas, ele pedirá permissão a enfermeira para entrar, e assim não será inconveniente.

É conveniente o pastor permitir que o paciente tome iniciativa de apertar-lhe a mão, e que se posicione onde o enfermo possa vê-lo sem ter que esticar o pescoço. Nunca deve sentar-se na cama do paciente. Demonstrará bom humor, mas não falará em voz muito alta, e não contará fofocas, nem piadas. Há certos temas que devem ser evitados nas conversações. Não se deve falar sobre as enfermidades dos outros, nem as dificuldades comuns à vida.

Há pessoas que visitam o enfermo e contam-lhe imprudentemente os detalhes de uma enfermidade semelhante que uma outra pessoa contraiu, e como foi operada. Não convém interrogar o enfermo acerca de sua doença, e menos ainda quando ele pertencer ao sexo oposto. O conselheiro também não deve comunicar qual é o diagnóstico do médico nem contradizer o que o enfermo lhe disser. Não compete ao pastor, conselheiro aconselhar o enfermo quanto ao tratamento de sua enfermidade; isto corresponde ao médico.

Em regra geral, o pastor não deve ficar muito alegre nem mostrar-se muito jovial quando visitar o enfermo, pois tal atitude não fica bem diante de uma pessoa que se sente mal ou está ansiosa. Os comentários superficialmente otimistas também não ajudam, tais como: “Não se aflija, você logo estará curado e em perfeito estado”. Por outro lado, pode ter efeito negativo o fato de o conselheiro se condoer muito do enfermo. O que o doente mais necessita acima de qualquer outra coisa é da compreensão e do apoio do pastor/conselheiro. Portanto, o conselheiro deve estar tranquilo e sereno, e mostrar-se compreensivo.

Caso o paciente não queria falar, não convém que o pastor o obrigue; sua presença silenciosa poderá ser de grande apoio. Ele pode dizer ao enfermo: “Não se aflija se você não estiver com vontade de falar. Compreendo como se sente”.

É um erro fazer generalizações acerca dos enfermos, pois cada pessoa reage de modo diferente das demais. Algumas se sentem sozinhas, desanimadas, ou com medo, e necessitam ser animadas; outras não se preocupam nem necessitam do apoio moral do pastor. Muitas das que padecem forte e prolongadamente, podem se mostrar egocêntricas, mas outras não. Alguns enfermos em tal estado não pensam mais que em sua dor; outros consideram o significado profundo da vida, e as consequências da morte. Se ainda não são convertidos, provavelmente estarão mais receptivos ao evangelho.

O pastor-conselheiro experimentado guiará a conversa para as necessidades e interesses do enfermo, ou permitirá que este fale com toda liberdade, e o escutará atentamente. Alguns pacientes cujas doenças lhes causam muitas dores costumam sentir medo, frustração ou ansiedade; preocupam-se com o desconhecido acerca de sua enfermidade (por exemplo, a cirurgia marcada pode significar que ele está com câncer), ou com todos os assuntos concernentes à sua família. Se falarem acerca de seus medos, estes serão trazidos à luz, e perderão muito de sua força.

Convém escolher com esmero uma porção bíblica apropriada. Se a pessoa está preocupada ou se sente deprimida, leitura como a dos **Salmos 27:1-10**; ou **Salmo 34:1-8**; ou **Salmo 121**; pode fortalecê-las. Não é aconselhável ler uma porção longa. A porção bíblica lida deve estar relacionada com as necessidades do paciente. A oração também deve ser breve, cheia de fé e esperança. No caso de o aconselhado conhecer bem o pastor, às vezes segurar sua mão enquanto estiverem orando ajudará muito. Desta forma o pastor comunicará seu sincero interesse e carinho. Muitos pastores deixam alguma leitura devocional ou uma seleção bíblica para o doente.

Qual deve ser o procedimento do conselheiro com relação a um enfermo que vai ser operado?

Alguns pastores visitam o enfermo algumas horas antes dele ir para a sala de operação. Talvez seja preferível visitá-lo na noite anterior, pois quase sempre as enfermeiras têm que realizar alguns preparativos de última hora com o paciente antes da intervenção cirúrgica. Desta forma o pastor evitará interrupções, fortalecerá a fé da pessoa e a entregará nas mãos do Grande Médico Divino – Jeová Rapháh.

Em alguns casos é necessário aumentar o desejo da pessoa continuar vivendo. O pastor também deve estar atento para os casos em que o enfermo deseje confessar os seus pecados, ou receber a segurança da salvação.

Depois da operação, geralmente o paciente sente-se muito mal. Caso o pastor o visite, deve esforçar-se para convencê-lo a falar muito pouco, ler-lhe uma porção bíblica curta, como o Salmo 23, e orar brevemente. Em alguns casos graves, basta que o pastor pare em silêncio alguns momentos ao lado da

cama e em seguida vá embora. A presença do representante do Senhor invisível transmite encorajamento.

Se um paciente perdeu um membro do seu corpo, como uma perna, ou um braço, convém dar-lhe a oportunidade de falar o quanto desejar acerca de sua perda, mas não obrigá-lo a fazê-lo. O pastor procurará dar significado à perda, muito mais do que compadecer-se da pessoa que a sofreu. É preciso tratar o mutilado como se ele fosse uma pessoa normal, porque ele não gostaria de ser considerado uma pessoa diferente das demais.

Normalmente é necessário aconselhar os membros da família do enfermo, especialmente durante o tempo de crise. Collins comenta: “Podemos orar pelas pessoas afetadas e com elas também, e dar espaço para que elas se desafoguem de seus medos e frustrações, orientá-las no que pensam acerca da permissão de Deus para que essa situação surgisse, sugerir que elas leiam porções da Bíblia, e ajudá-las a tomar decisões práticas, como reorganizar a vida familiar cotidiana ou avaliar as opções médicas que o doutor pode apresentar.

A hospitalização de uma criança apresenta uma situação diferente. Da mesma forma que os adultos, as crianças sentem dor, temem o desconhecido e não desejam ser separadas dos outros membros de sua família, mas não entendem o que está acontecendo nem por que estão sofrendo. Normalmente interpretam a hospitalização como uma rejeição por parte de seus pais, e inclusive como um castigo por seu mau comportamento no passado. Algumas, especialmente na idade de dois a quatro anos, protestam no princípio, mas ao verem que seus pais não as tiram do hospital, caem em desânimo e até em desespero. Podem se tornar cada vez mais apáticas. Depois de retornarem para casa, frequentemente essas crianças mostram-se exigentes e exageradamente dependentes dos demais, “já que é deste modo que pedem aceitação e consolo”.

É necessário que o conselheiro console a criança e não a engane. Muito dependerá da atitude do pastor: Devido ao fato de as crianças frequentemente não serem capazes de verbalizar seus medos e demais sentimentos, o conselheiro deve estar atento para captar indícios não-verbais. Muitas vezes, mediante a própria atitude e comportamento, é possível criar na criança um sentimento de confiança e uma consciência de que “tudo sairá bem, e não vão esquecer dela”.

Também é possível orar com a criança e assegurar-lhe que “Jesus a estará ajudando enquanto ela estiver enferma”.

Convém que os pais controlem seus temores em presença da criança, porque quando o filho observa que seus pais estão tranquilos, ela se sente mais confiada. Quando a criança está muito enferma, os pais sentem-se ansiosos, frustrados e um pouco irados contra Deus e contra o médico; e muitos até se sentem culpados. O conselheiro pode lhes ajudar encorajando-os a expressar seus sentimentos, mas nunca diante da criança. Também os ajudará consolando-os, explicando-lhes algo do significado do sofrimento, lendo a Bíblia e orando com eles.

O problema de conciliar o sofrimento de um ser humano com a existência de um Deus que o ama, é difícil para o não-convertido, mas não apresenta maior dificuldade para o crente. Os filhos de Deus esperam com ansiedade o dia em que o pecado e o sofrimento não mais existirão. O conselheiro também pode comentar que todas as aflições da humanidade são examinadas e iluminadas pelas Escrituras. Nenhum outro livro trata tão profundamente o problema da dor, sua intensidade, sua universalidade, suas várias

formas e suas perplexidades, como o faz a Bíblia. Mas ela não contém nenhuma nota de desespero, e sim oferece esperança ao crente.

Jesus afirmou que a deficiência do homem cego de nascença não havia sido causado por seu próprio pecado e nem pelo de seus pais. **João 9:3**. Também negou que os galileus que morreram num massacre instigado por Pilatos, fossem mais pecadores que os demais (**Lucas 13:1-3**). É possível que em certos casos, a enfermidade seja consequência ou castigo pelo pecado, mas não cabe a nós julgar e nem tratar dessa forma. Tanto os justos quanto os injustos sofrem nesta vida.

Normalmente os escritores inspirados lutam com o problema: “Por que os justos sofrem?” Mas esses escritores não lançam a culpa sobre Deus. Na véspera de uma catástrofe nacional, o profeta Habacuque canta: “Todavia eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação”. **Habacuque 3:18**. Jó não entende porque tem que sofrer, mas afirma: “Ainda que ele me mate, contudo nele esperarei”. **Jó 13:15**.

As palavras do apóstolo Paulo, preso em Roma, tornam-se eco do canto de Habacuque: “Regozijai-vos sempre no Senhor”. Ele expressa em outra ocasião sua sublime fé na providência divina: “Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus”. **Filipenses 4:4**; **Romanos 8:28**. O escritor da carta aos Hebreus comenta uma grande verdade com relação a Jesus: “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência por meio daquilo que sofreu”. **Hebreus 5:8**.

Os homens, em cujo coração está o caminho de Deus, “atravessando um vale de lágrimas, o mudam em fonte”. **Salmo 84:5-6**. Assim é: mudam os sofrimentos em fonte de consolo, de crescimento espiritual e glória eterna.

2. **Aconselhamento de doentes terminais:** Ministar ao enfermo que não tem esperança de recuperar-se pode ser muito difícil para o pastor ou conselheiro. Poucas pessoas querem pensa na morte. E quase todas sentem-se incomodadas. Como pode o conselheiro preparar-se bem para este ministério tão delicado? O primeiro passo é compreender os desenganados.

Como os enfermos reagem quando a morte se aproxima? A psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, e quatro estudantes de um seminário, entrevistaram mais de cem pacientes terminais e fizeram um estudo baseado na entrevista. Em seu livro *On death and dying* (sobre a morte e o morrer), a doutora Kübler-Ross indica as cinco etapas consecutivas pelas quais passam o desenganado:

- (1) **Negação da realidade e isolamento.** Ao saber que vai morrer, o enfermo reage com um chocado: “Não, não pode ser. Isso não pode acontecer comigo”. Ele não acredita na notícia. Esta negação é uma defesa, pois ninguém quer admitir que sua própria morte se aproxima. O paciente procura evidências de que o diagnóstico não é correto, mas pouco a pouco se acostuma com a ideia de morrer. A negação diminui o impacto da notícia.
- (2) **Ao aceitar a verdade do diagnóstico.** Ele se pergunta: “Por que eu exatamente?” e “Por que não há de ser um velho ou alguém que não serve para nada na sociedade?” Ele expressa sua frustração adotando uma atitude crítica e muito exigente perante o pessoal do hospital. Também pode se voltar contra seus seres amados, contra o pastor e até contra o próprio Deus; ira e ressentimento. Os parentes do enfermo sentem dificuldade de entender sua atitude, e convém que o conselheiro fale com eles, dizendo-lhes que é somente uma reação provocada pela frustração. Eles devem compreender o enfermo e não lhes responder com indignação nem deixar de visitá-lo. O desenganado necessita de alguém que escute suas queixas e continue escutando, sem

procurar dar-lhe falsa esperança. Pode acontecer de eleger um culpado, a culpa dirigida contra os médicos, enfermeiros ou até Deus. O paciente deve ser compreendido e suas palavras zangadas postas de lado.

- (3) **Negociação.** Depois do período da revolta, o desenganado passa por uma etapa na qual tenta negociar com Deus para que lhe conceda uma prolongação de vida e alívio da dor. O que muitos chamam de “barganha”. Por exemplo, pede que lhe dê alguns meses a mais para participar da cerimônia de casamento de um filho ou de outro acontecimento importante. Muitas vezes promete servir a Deus fielmente se o Senhor lhe prolongar a vida; período chamado por alguns especialistas de período de tréguas temporárias.
- (4) **Depressão.** Ao perceber que não está melhorando, o doente desanima. Sente-se angustiado por saber que vai morrer. A depressão pode manifestar-se de diversas maneiras. A primeira delas leva o desenganado a reagir contra a enfermidade e suas consequências. Por exemplo ele passa a estranhar seus familiares, não se interessa mais por recreações e diversões, ou perde todo o interesse por sua aparência física. A segunda forma de desalento consiste no pessimismo com que o desenganado encara o futuro. Ele só pensa que em breve morrerá. Para o crente, o morrer é “ganho”, pois estará com Cristo, “o qual é muitíssimo melhor”. Porém, normalmente o desenganado esquece-se disto, e passa a se preocupar com o bem-estar de seus familiares que vão ficar. Na etapa da depressão, a pessoa também necessita que outros a escutem de forma atenta e compreensiva.
- (5) **Aceitação.** A maioria dos doentes desenganados termina aceitando o fato de que vão morrer, e desta forma experimentam um certo grau de paz; e decidem encarar a morte calmamente. Não devemos confundir aceitação com contentamento. Nessa fase da doença, a pessoa está com os sentimentos como que anestesiados. Para ela sua hora final chegou. Os pacientes perdem todo o interesse pelos assuntos que interessam aos demais, e falam pouco. Desejam que os deixem tranquilos, ou pelo menos que não os perturbem com notícias do mundo exterior. Sabem que logo morrerão. Se estiverem sofrendo dores físicas, provavelmente desejarão morrer. Comunicam-se muito pouco com os demais, mas desejam que seus amados estejam perto deles, pois sentem-se consolados ao constatarem que seus parentes não se esqueceram deles enquanto o fim se aproxima.

A doutora Kübler-Ross comenta também que nem todos os desenganados chegam a agir conforme o padrão das etapas descritas. Às vezes os pacientes alternam as sequências das fases; alguns passam por duas ou mais simultaneamente. É provável que não se observem as cinco etapas nas pessoas cuja enfermidade é de curta duração. Quase todos os pacientes terminais passam por momentos de esperança durante os quais creem que vão se recuperar. Quando deixam de expressar esperança, isto costuma ser o sinal de falecimento iminente.

Como deve ser o aconselhamento a doentes terminais? É fundamental que o conselheiro adote uma atitude sadia com respeito à morte. Collins observa: “Os médicos, os familiares e até mesmo os pastores e demais líderes da igreja tendem a evitar o paciente terminal. Inclusive quando o pastor realiza uma visita, ele frequentemente lê uma porção das Escrituras e ora, porém evita qualquer alusão à morte ou às necessidades e preocupações do doente terminal. Não devemos temer que a pessoa esteja “perdendo a fé” por ficar zangada ou deprimida em vista de sua condição, mas na “aceitação” há paz. A melhor reação diante deste quadro é ouvir atentamente dando a oportunidade da pessoa falar tudo o que

tem para falar; caso o paciente não queria falar, a melhor ajuda é apenas ficar ao lado da pessoa que está sofrendo, consolando-a com a nossa simples presença.

Não devemos apenas compreender as reações da pessoa que está morrendo, mas também as reações dos familiares e entes queridos que muitas vezes se tornam até mais difíceis.

Uma das afirmativas mais importantes que podemos fazer a uma pessoa que está morrendo é mostrar-lhe o valor de sua vida, incluindo a sua família. Isso é essencial quando os alvos da existência parecem apenas parcialmente atingidos, mesmo pelos mais idosos. Muitas pessoas se condenam pelos não feitos durante a vida, nas últimas horas nessa terra; nesse momento temos que mostrar o valor e a contribuição que a pessoa deixou como legado levando-a a sentir-se confiante, cheia de fé e orgulho. A vida de cada um tem um significado único, e mesmo todo sofrimento nunca é vão; aliás, toda sua vida – nunca foi em vão – estabeleceu um memorial, um monumento!

A morte, especialmente a do crente, não deve ser considerada algo espantoso, terrível ou misterioso. Pelo contrário, é uma fase normal da vida. Conforme a Bíblia revela, ela é uma transição de uma etapa a outra. Significa abandonar o corpo para estar com o Senhor, conforme Pedro diz em **2 Pedro 1:14**. É algo semelhante à experiência dos israelitas, que deixaram suas tendas de peregrinação no deserto, para viverem em casas permanentes na Terra Prometida. Mesmo que a separação esteja cheia de sofrimento para os que ficam, é algo temporário que durará somente até a ressurreição.

O ato final da partida desta vida terrena não é necessariamente algo doloroso ou penoso. A doutora Rübler-Ross e o Doutor Raymond Moody entrevistaram centenas de pessoas que haviam chegado ao umbral da morte, ou tinha sido declaradas clinicamente mortas, mas que tornaram a viver. Essas pessoas descreveram a experiência como tranquila e sem dor. Saíram do episódio sem ter mais medo de morrer.

João Bunyan, em seu imortal livro O Peregrino, nos apresenta um quadro da morte de um cristão, usando a figura da travessia de um rio. Ao começar a submergir, ele exclama: “Entro nas águas profundas, e todas as suas ondas passam sobre mim”. Esperança, seu companheiro, responde: “Tenha bom ânimo, irmão. Sinta o fundo das águas e veja como é bom”. Para o crente, o rio da morte tem um fundo, e este é bom. Além do mais, o cristão tem a promessa do próprio Deus: “Quando passares pelas águas, estarei contigo, e quando passares pelos rios, eles não te submergirão”. **Isaías 43:2**

Não é coisa mórbida refletirmos sobre nossa própria morte, e conversar abertamente sobre as providências que os familiares terão de tomar depois desse acontecimento. O pastor deve falar com franqueza e naturalidade aos membros de sua igreja sobre o tema. Desta forma, quando um membro falecer, a morte não será algo insuportável para os sobreviventes. O fato é que poucas esposas estão preparadas para se adaptar às novas responsabilidades da viuvez, pois às vezes o falecimento de seu marido é repentino.

Existem algumas normas gerais que podem guiar o pastor na atividade de orientar os doentes terminais. Ele deve estar disponível para visitar e apoiar tanto o paciente quanto a família deste. Ele lhes dará oportunidade de expressarem seus sentimentos de culpa, de medo e de frustração. Ele lhes lerá uma porção bíblica, os encorajará e orará com eles.

O conselheiro também pode ajudar os familiares a compreenderem as reações do desenganado, e comentar que eles provavelmente também passarão por etapas semelhantes às do enfermo. Talvez seja necessário ajudá-los a traçar planos para o futuro. Mesmo que poucos médicos concordem com a necessidade de se comunicar ao paciente o fato de que ele vai morrer, estudos demonstram que 80% dos desenganados desejam sabê-lo. Além do mais, a maioria dos enfermos sabe intuitivamente quando

está morrendo, de modo que é aconselhável que eles enfrentem abertamente a realidade. Assim, tanto o desenganado como a família deste podem falar livremente acerca do futuro, e comunicarem-se melhor entre si. O conselheiro deve sugerir que a família do desenganado o informe sobre sua real situação, mas não deve obrigá-la a fazê-lo.

O objetivo principal que o conselheiro deve ter ao orientar o doente terminal, é ajudá-lo a aceitar sua morte como algo natural e prepará-lo para esse momento.

Perante o enfermo desenganado, o pastor/conselheiro deve ser um “ouvido” atento. É importante que o desenganado expresse seus sentimentos. Se lhe for permitido falar sobre os temores que ele sentiu no princípio de sua enfermidade, certamente ele não se afligirá tanto ao se aproximarem os últimos dias de sua vida. Muitas pessoas mortalmente enfermas preocupam-se com o futuro de seus familiares; outras, têm mais medo da agonia que da própria morte, e necessitam de alguma informação nesse sentido. Algumas temem perder o controle sobre seus sentimentos, sobre as faculdades mentais, ou sobre as funções de seu corpo. Muitas também têm medo de ficar sozinhas. A solidão da morte é muito triste.

Pode ser que o desenganado queira falar acerca de seus fracassos, consertar algumas coisas ou falar com alguém. Às vezes os pacientes querem saber o significado do sofrimento ou da vida após a morte. Não é necessário que o pastor lhes dê todas as respostas. Ele pode responder: “Não sei”, ou “Eu creio que isto para mim é um mistério”. Depois de conversar acerca de assuntos de interesse do enfermo, o pastor deve ler uma porção escolhida da Bíblia e orar. Se o paciente está muito fraco e não quer falar, o pastor não lhe obrigará a fazê-lo. Talvez seja melhor ele ficar em silêncio ao lado da cama, ler uma pequena porção da Bíblia, orar e depois ir embora.

Jamais devemos esquecer que um paciente em estado de coma é capaz de ouvir e compreender o que uma pessoa diz em sua presença. Frequentemente o ouvido é o órgão que continua funcionando. O pastor, na presença de um paciente em coma, não deve pronunciar palavras que não devem chegar aos ouvidos do moribundo. Por exemplo, na presença de uma mulher que se achava em estado de coma, uma amiga exclamou: “como seu aspecto mudou! O que os seus filhos farão? Ai deles!” Mesmo que a paciente em estado de coma não tenha podido responder, ela escutou tudo e depois quando se recuperou, contou como aquelas palavras lhe doeram.

Às vezes o pastor pode comunicar com paixão pegando a mão do paciente moribundo ou colocando a mão sobre seu ombro.

Muitas vezes Jesus colocava a mão sobre os enfermos comunicando assim o seu amor e a cura. Sobretudo, o conselheiro tentará ajudar o enfermo terminal a depositar sua fé em Deus e a perceber que Deus está com ele.

3. **Perda e angústia.** A angústia é um sentimento universal. “as estatísticas sobre a morte são muito impressionantes”, observa George Bernard Shaw. “uma pessoa morre por cada uma que existe”. Visto que o falecimento de um ser amado produz angústia, todos nós a sentiremos cedo ou tarde. A aflição, porém, não se limita à morte de outra pessoa. Ela pode nascer quando a pessoa perde um membro do corpo, quando um namoro ou um noivado é rompido, quando há separação entre os cônjuges, quando termina uma amizade ou quando a pessoa perde algo que lhe é importante, como uma posição ou a posse de alguma coisa que para ela tem muito valor. A angústia é o resultado da perda de algo ou de alguém com a qual a pessoa se identifica. Parece que ela perdeu algo de si mesma, e obviamente a perda é irreversível.

A intensidade da aflição varia segundo o relacionamento da pessoa pesarosa com a pessoa falecida, os laços sentimentais, o nível econômico e social do falecido, sua idade e sexo, e a maneira como ele morreu. Por exemplo, se uma jovem senhora, mãe de crianças, perde seu marido, isso pode influenciar sua vida em muitos aspectos, enquanto que um irmão carnal do morto só sofrerá emocionalmente. As viúvas de idade avançada também sofrem intensamente, pois em regra geral, sua vida inteira esteve ligada a de seu marido. Devido ao fato de as mulheres geralmente viverem mais anos que os homens, três em cada quatro esposas passarão pela experiência da perda de seus cônjuges. A aflição é um problema agudo para as viúvas.

- a) **O processo de enfrentar a aflição.** Ao contrário da crença de muitas pessoas, a expressão da dor é normal e muito útil. Se o indivíduo reprime ou demora a externar sua expressão de dor, ele será prejudicado emocionalmente no futuro; possivelmente sofrerá de depressão crônica ou de outro problema, como a prostração nervosa. Há duas maneiras de expressar a aflição; chorar e falar. Os crentes bem intencionados que dizem: “não chore, seja corajoso, pois os filhos de Deus não choram”, ou dizem: “Esqueça o passado e comece sua vida de novo”, impedem que a pessoa satisfaça uma necessidade importante de sua vida.

O apóstolo Paulo não disse somente: “Não vos entristeçais”, e sim “não vos entristeçais, como os demais, que já não têm esperança”. **1 Tessalonicenses 4:13**. Os crentes choram sim, mas suas lágrimas brilham com a esperança da ressurreição. Jesus mesmo chorou perante o túmulo de Lázaro (**João 11:35**), e disse no Sermão do Monte: “Bem-aventurado os que choram, porque eles serão consolados”. As lágrimas aliviam: são capazes de afugentar a tristeza e de restabelecer a calma. Conforme o que verificaram os médicos e investigadores alemães, as lágrimas influenciam também na cura de enfermidades e na convalescença. Deus providenciou para nós as glândulas lacrimais como válvulas sentimentais, a fim de estas aliviarem a pressão da aflição. Convém que até os homens chorem quando se sentirem pesarosos e aflitos.

A segunda maneira de expressar a angústia é falar sobre os próprios sentimentos. Deste modo liberamos boa parte da amargura, e tornamos possível aplicar um bálsamo nas feridas emocionais. O pastor deve escutar atentamente. O enlutado quer relatar cada vez mais os detalhes minuciosos dos últimos acontecimentos da vida do falecido, suas palavras finais e suas virtudes. Ele tende a ignorar todos os defeitos e fraquezas da pessoa que faleceu, e procura lembrar somente seus pontos positivos. Isso é necessário para começar a aceitação da realidade de sua perda.

Erick Lindemann, professor de psiquiatria da Universidade de Harvard, investigou a reação de pessoas angustiadas cujos parentes morreram em um trágico incêndio em um clube. Observou que o angustiado deve caminhar passo a passo pelo que ele chamou de “a obra da aflição”. Para aceitar a perda de um ser amado e para retomar a vida normal, é necessário esforços e duros trabalhos. No trabalho de reabilitação, a pessoa pesarosa tem que ser libertada da “servidão ao falecido”, para que possa passar a viver com o “conceito do falecido”, ou seja, viver uma vida positiva, aceitando as recordações, os prazeres, e a tristeza relacionada com a pessoa que morreu. Lindemann acredita que nenhum doente escapa do processo nem se põe em liberdade até que tenha passado pela obra da aflição.

Os principais substitutos da “obra da aflição” seriam negar-se estoicamente a sentir angústia; fantasiar que a pessoa ainda está viva; esforçar-se para esquecer a pessoa que foi embora para

sempre; ingerir drogas ou bebidas alcoólicas para aliviar o sofrimento, e ocupar-se em muitas atividades para não pensar na perda: todos estes subterfúgios não surtem bom efeito. São reações mórbidas perante a dor, e atrasam muito mais a recuperação emocional da pessoa e podem produzir nela graves problemas emocionais.

b) **As etapas da aflição e da orientação pastoral.** O doente costuma passar por um período de angústia que pode durar de três meses a um ano. Esse período divide-se em três etapas.

(1) **A fase da crise** – Esta começa com a notícia do falecimento e dura até o funeral. Quando a morte ocorre repentinamente, atinge o ser amado como um golpe de martelo, ele fica surpreso e cai num estado de entorpecimento. Costuma dizer: “ó não, não pode ser”. Costuma sentir como se estivesse a ponto de desmaiar, e normalmente irrompe em prantos. Parece-lhe que não poderá aguentar a situação. Por isso os médicos com frequência avisam os parentes que o estado do paciente piorou muito. É a maneira de diminuir o impacto e preparar as pessoas para receberem a notícia do falecimento. O pranto proporciona um alívio da forte emoção, e não deve ser impedido. O pastor/conselheiro deve visitar imediatamente as pessoas sobrecarregadas por esse sentimento, a fim de consolá-las. Não é necessário falar muito, e sim estar com elas e compreender o seu pesar. Convém assegurar-lhes que o Senhor compreende os seus sentimentos. A leitura de uma breve passagem da Bíblia, como Isaías 61:1-3, e uma breve oração pedindo que Deus os console poderá ajudar muito. Mas acima de tudo, a compreensão de um pastor amado as consolará.

Um crente que passou por uma dessas situações conta sua experiência. Ele perdeu o filho em um desastre de automóvel:

Eu estava sentado, afundado na aflição. Alguém veio e me falou acerca do amor de Deus, de como Ele venceu a morte e nos garantiu essa vitória, e da esperança da vida após a morte. Ele falou sem parar. Disse-me coisas que eu sabia que eram verdade. Não me consolou em nada. Eu queria que ele fosse embora, e finalmente ele se foi. Em seguida veio outra pessoa e se sentou ao meu lado. Não falou nada. Não me perguntou nada acerca de coisas que nos levariam a conversar; a pessoa ficou sentada ali ao meu lado durante uma hora ou mais. Escutava-me quando eu dizia algo e me respondia de forma breve. Em seguida fez uma oração simples e foi. Fiquei comovido, consolado. Não queria que aquela pessoa fosse embora.

Quando um ser amado morre, as pessoas enlutadas querem que seus amigos estejam presentes, e se consolam ao saber que não estão sozinhas. É importante que os membros da igreja as visitem, as escutem e as ajudem nas tarefas da casa. Mesmo que as pessoas que acompanham os parentes enlutados pensem que não convém lhes falar acerca da morte, normalmente esse é o único tema que lhes interessa. Elas desejam relatar o que aconteceu um dia antes do falecimento do ser amado. Ou como estes mesmos reagiram perante a notícia. Repetem os detalhes várias vezes, e sentem-se confortados quando escutam com interesse. O velório proporciona uma oportunidade para que tanto as pessoas enlutadas como os amigos estejam juntos para confortarem-se e conversarem acerca da pessoa falecida e de sua perda.

Collins observa acertadamente: “O funeral é uma cerimônia para o benefício dos vivos, e não dos mortos”. Tem muitos propósitos. Obriga as pessoas a reconhecerem que o ser amado morreu de

verdade, pois podem ver o cadáver; é uma desagradável realidade que a pessoa terá que reconhecer cedo ou tarde. Em segundo lugar, o funeral proporciona a oportunidade para que as pessoas enlutadas expressem o pesar em um ambiente em que é normal fazê-lo. Também provê aos sobreviventes a lição de que a vida terrena é passageira, e que todos nós somos mortais.

Nas palavras do salmista: “Ensina-nos de tal modo a contar nossos dias, para que alcancemos um coração sábio”. Muitos indivíduos que parecem indiferentes às coisas espirituais, passam a pensar na salvação ao contemplar o fim de outras pessoas. Finalmente, o funeral dá à comunidade a oportunidade de expressar o seu apreço pelo falecido e sua condolência às pessoas enlutadas.

- (2) **A fase crucial** – é a etapa que, em regra geral, dura três meses ou mais. A angústia é mais intensa nas primeiras semanas. Nesse período, a pessoa enlutada passa a se sentir fraca e rompe os laços emocionais com o passado e as expectativas com o futuro relacionadas com a pessoa que faleceu. É doloroso, mas necessário. Da mesma forma que o protagonista do livro *As viagens de Gulliver*, que ficou preso no chão, atado por mil cordas e estacas dos liliputianos, da mesma forma a pessoa enlutada também está atada por mil laços emocionais à pessoa falecida. As semanas que se seguem ao funeral são caracterizadas por muito pranto, profunda saudade da pessoa falecida, tristeza pelas faltas de consideração praticadas contra ela em tempos passados, e preocupações pelas coisas que lembram o parente falecido. Durante essa temporada geralmente manifestam-se insônia, perda do apetite, transtornos digestivos, inquietude, irritabilidade geral e acessos de ira. Às vezes há períodos de desespero silencioso e uma sensação geral de inutilidade. Normalmente a pessoa enlutada sente uma depressão tão profunda que tende a perder a razão. Sente-se frequentemente isolada, pois os parentes e amigos que a visitaram antes e depois do funeral, agora deixaram de vir: passaram a se ocupar com seus próprios assuntos, ou até a correr para administrar toda sobrecarga e acumulações que o processo do que o ente querido administrava e acumulou, ou deixou essas responsabilidades. O conselheiro que estiver disposto a passar algum tempo com as pessoas enlutadas, poderá ajudá-las. Deve continuar apoiando-as com sua presença, e incentivar outros crentes a visitarem essa pessoa de tempos em tempos. Os membros da igreja devem convidar as pessoas enlutadas para almoçarem ou jantarem com eles frequentemente, pois em regra geral, elas se sentirão menos tristes. Também podem mostrar sua solicitude fazendo-lhes favores, e convidando seus filhos a participarem de atividades de recreação. Essas coisas fazem com que a pessoa sinta-se cercada de solidariedade, e ficará mais conformada com a situação. Em segundo lugar, o pastor deve dar aos viúvos a oportunidade de expressarem seus sentimentos de culpa e hostilidade. Às vezes a pessoa pesarosa se acusa a si mesma. Costuma dizer: “Se eu o tivesse levado ao médico a tempo, ele não teria morrido”, ou: “Ah, se eu o tivesse tratado com mais carinho!” Às vezes as pessoas se sentem culpadas porque desejavam que a pessoa morresse ou porque tinham aversão a ela. Os psicólogos observam normalmente alguns doentes que tentam apaziguar sua consciência providenciando um funeral luxuoso ou uma tumba impressionável para o defunto. O sentimento de hostilidade também pode se manifestar nesse período. A pessoa enlutada talvez fique revoltada contra a vida, contra a morte, ou mesmo contra Deus. Podem surgir também reações contra a pessoa que morreu. Uma mulher jovem cujo marido morreu em um acidente

automobilístico, exclamava: “Por que ele me abandonou? Óh! Jorge, como eu posso viver sem ter você ao meu lado?” Às vezes a pessoa enlutada expressa sua hostilidade contra Deus criticando o pastor, o conselheiro e os demais crentes.

O conselheiro ajudará a pessoa enlutada a expressar seus sentimentos. Não discutirá com ela nem a censurará. Por exemplo, se ela criticar o médico, o pastor, o conselheiro dirá simplesmente: “Creio que o médico fez tudo o que era possível”. Mas em casos de verdadeira culpa por parte do enlutado, o pastor, conselheiro procurará levar essa pessoa à confissão perante Deus para que ela consiga perdão e paz.

- (3) A fase da readaptação – a pessoa aflita tende a reincorporar-se à vida, apesar de o ser amado já não a acompanhar. Se é viúva, deve procurar outras pessoas que possam oferecer-lhe a proteção e a companhia que o seu relacionamento anterior lhe proporcionava. C.S. Lewis, conhecido escritor evangélico, fala acerca da “preguiça da angústia”. Às vezes é necessário incentivar o aflito para que ele procure um emprego e participe de atividades normais, pois tende a permanecer inativo. Mas essas atividades não devem ser distrações para que a pessoa enlutada não pense em sua perda, e sim o resultado dela ter passado por essa obra de restauração emocional.

O que diremos às crianças cujo pai faleceu? Normalmente é difícil explicar a uma criança que alguém que ela ama morreu. “Uma criança de menos de cinco anos não compreende o caráter definitivo da morte, nem sabe de que forma isso a afetará”. Às vezes alguns parentes bem intencionados tentam suavizar o impacto da notícia dizendo: “O seu pai foi dormir e não mais acordará”, ou: “Ele foi fazer uma longa viagem, e não mais voltará”. Essas explicações não surtem bom efeito. A primeira pode produzir ansiedade na criança quanto ao hábito de dormir, e a segunda pode produzir ressentimento e sentimento de rejeição. Por que o nosso papai nos abandonou? É melhor falar à criança com franqueza acerca da morte, e mostrar-lhe o que nos ensina a Bíblia. As crianças precisam ser ensinadas sobre a morte, e é sempre bom relacioná-la com os céus, a eternidade – a salvação em Cristo Jesus e o porque da morte – a causa do pecado inicial de Adão. As crianças não podem ser privadas da realidade para sempre, e portanto precisam estar preparadas para ela. Nossa atitude deve ser natural e positiva. Tudo o que está vivo, um dia morre – exceto Deus e seus anjos porém a criança precisa entender que a morte é uma transição para a eternidade e não cessação. Quando explicamos a morte para crianças, devemos ter o cuidado em nos prender à verdade – fatos!

O trabalho do conselheiro tem muitas facetas e é muito importante. Para obter êxito, o pastor tem que compreender o caráter dos problemas humanos e saber como ajudar as pessoas. Precisamos aprender os principais fundamentos que nos ajudarão a cumprir o ministério de forma mais adequada, capacitados pelo Espírito Santo possamos aliviar a dor da perda e trazer o consolo que só Deus pode acalantar o coração dilacerado daquele que perdeu seu ente querido.

Por que tantos pastores, ou tantos cristãos estão morrendo?

A MEMÓRIA DO JUSTO SERÁ HONRADA E PRESERVADA!

“... o justo ficará em memória eterna”. (**Salmos 112:6**).

“DEUS ESTÁ TROCANDO A GUARDA NA TERRA”.

A alguns anos atrás, em um momento de oração e adoração, O Espírito Santo tocou em meu coração que Ele estaria fazendo mais uma “troca da guarda” na terra. Que muitos dos seus ungidos estariam sendo chamados para junto dEle. E Que as próximas gerações precisariam estar prontas para, em honra “herdar o manto” e a porção dobrada! Desde então, num curto espaço de tempo, grandes homens e mulheres de Deus que marcaram a história em sua geração, têm sido recolhidos, nos deixando um grande legado e muita saudade!

Eles “Combateram o bom combate da fé e terminaram suas carreiras e agora esperam suas coroas”. (**2 Timóteo 4:7**).

Louvamos a Deus pela vida desses grandes servos e servas de Deus (Conhecidos e desconhecidos), que pagaram um preço de obediência a Deus, que prepararam o caminho antes de nós.

Que estejamos prontos para dar continuidade a obra e honrar o legado que nos deixaram.

“Uma geração contará à outra a grandiosidade dos teus feitos; eles anunciarão os teus atos poderosos. (**Salmos 145:4**).

À memória de: Billy Graham; Reinhard Bonnke; Myles Munroe; Rebecca Brown; Ludmila Ferber; Ubirajara Crespo; Morris Cerullo; Ap. Dany Bonilla; Russell Shed; T.B. Joshua; David Yong Choo; Fredy Berry; Don Linchy; Dave Robertson; Luiz Schiriló; Irmão André (Portas Abertas) e muitos outros servos valorosos. Gratidão a Deus por suas vidas e a contribuição que deixaram no Reino!

“E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro”. (**Apocalipse 22:12-13**).

Quando falamos sobre luto, temos que aprender a falar sobre a vida.

Temos que ter uma empatia maior quanto à dor do outro. Enxergando que muitos outros que estão ao nosso redor tem perdas também. Ouvir e se interessar que outros estão passando por isso também, e tentar entender a dor do próximo. A morte vai marcar um antes e um depois na vida. A vida nos obriga a seguir a diante. A gente acha que as pessoas que a gente ama nunca vão morrer, porém Jó explicou que “visto que os seus dias estão contados, contigo está o número dos seus meses; tu, ao homem puseste limites, além dos quais não passará”. **Jó 14:5**. Deus é quem determina quando morreremos, segundo a Bíblia. O rei Davi pediu que Deus não o levasse no meio de seus dias. Jesus Cristo “sabia que Sua hora tinha chegado de partir deste mundo para o Pai”, ao rei Ezequias foi lhe dado quinze anos a mais do que já estava determinado, quando ele se voltou arrependido para o Senhor. Saiba que você não é o único que está passando por aquilo. O luto precisa ser bem vivido para se tornar bem resolvido e encerrar o ciclo. É um período natural vivenciar a perda de quem você ama. Não podemos apressar esse processo que depende de pessoa para pessoa. Deus é soberano. Nossa paz não está em compreender tudo o que nos acontece e a nossos filhos, mas em saber que Ele está no controle da doença e da saúde, e até da própria morte. Nós aceitamos os mistérios e sofrimentos inexplicáveis da morte porque eles são

conhecidos de Deus, e nós O conhecemos. Jesus chorou com as irmãs de Lázaro quando este morreu. Ele sofreu angústias de alma na véspera de Sua execução; tendo gritado: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” quando se achava na cruz. Ele partilhou de nossa humanidade, nossa tristeza, nossa dor, mas também ensinou que Deus é Soberano, e Ele foi a personificação do amor de Deus na terra. C.S. Lewis escreveu: “Deus sussurra ao nosso ouvido em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossa dor. A dor é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo”.

Acreditamos que neste mundo perverso, a primeira obra de Deus, para nossos filhos e para nós, não é proteger-nos do sofrimento, mas conformar-nos à imagem de Cristo. E como Ele (mistério além da compreensão), nós também aprendemos a obediência através das coisas que sofremos.

O grande líder da igreja do século dezenove – Dwight L. Moody, quando estava para morrer, fez a seguinte declaração: “você logo lerão nos jornais que Moody está morto. Não creiam nisso, pois estarei mais vivo do que estou agora”; é exatamente isso que celebramos no funeral de um cristão – a **RESSURREIÇÃO E A VIDA**.

Não importa quantas vezes você já passou por luto, cada pessoa é única. E você nunca vai estar preparado, porque cada pessoa ocupa um lugar diferente na tua vida. Precisa ir ao lugar do luto e ventilar. Tirar a pedra e expor o mau cheiro. Não tenha um tabu de falar sobre o assunto.

A pior coisa é não ter o direito de vivenciar a perda, chorar os seus mortos. Nossa sociedade não nos permite. Após o sepultamento muitos criam um tabu que não quer mais falar sobre a pessoa; a pessoa precisa falar, porém o falar sobre isso libertar da dor; é terapêutico; por isso é interessante a forma psicológica e terapêutica como o catolicismo trata essa realidade, com a missa do 7º dia, e depois dos 30 dias e 1 ano, não no sentido de ‘culto ao morto’, porém no efeito terapêutico de ir se despedindo; não a liturgia do ritual pelo morto, pois por ele não podemos fazer mais nada; mas sim a reflexão e o processo de despedida. É possível reinventar a vida e ventilar o ambiente de morte retirando a pedra.

Imagine por um momento que você tivesse nascido no ano de 1900.

Quando você tinha 14 anos, começa a Primeira Guerra Mundial e termina apenas quando você tem 18 anos, deixando 22 milhões de mortos.

Um pouco depois, aparece uma pandemia mundial, a Gripe Espanhola, matando 50 milhões de pessoas. E você está vivo, com 20 anos de idade.

Aos seus 29 anos, você sobrevive à crise econômica mundial que começou com a queda da Bolsa de Nova York, causando inflação, desemprego e fome.

Quando você está com 33 anos, o Nazismo chega ao poder.

Quando você está com 39, começa a Segunda Guerra Mundial e termina quando você já tem 45 anos, com 60 milhões de mortos. No Holocausto, morrem 6 milhões de judeus.

Quando você está com 52 anos, começa a Guerra da Coreia.

Quando você está com 64, começa a Guerra do Vietnã e termina quando você já tem 75 anos.

Uma pessoa que nasceu em 1985 por exemplo, pensa que seus avós não têm a menor ideia de como a vida é difícil, sem saber que eles sobreviveram a várias guerras e catástrofes.

Hoje nos encontramos com todas as comodidades de um mundo novo e moderno, sobrevivemos uma pandemia, agora estamos tratando de reinventar, ressignificar e prosseguir a vida.

Muitas pessoas se queixaram por ter que ficar confinadas em casa por várias semanas ou meses, contando em seus lares com eletricidade, celular, comida e alguns até com água quente e um teto seguro sobre suas cabeças.

Nada disso existia em outros tempos. Mas a humanidade sobreviveu sob essas condições e nunca perdeu a alegria de viver.

Há uma coisa que pode fazer milagres: uma pequena mudança no nosso modo de ver a vida e o que os nossos antepassados viveram.

Lutos e perdas

Mortes que matam!!! Existem pessoas que são vítimas de luto, perderam seus entes queridos e nunca mais são as mesmas dizendo: “é como se parte de mim morresse com ele(a)...”

Podemos dizer que há 4 tipos de mortes:

- 1) Um ente querido que morreu e ficaram marcas.
- 2) outro tipo de morte, alguém te decepcionou e você mesmo que inconscientemente diz: esta pessoa morreu para mim, você matou a imagem que tinha desta pessoa dentro de si, não quer mais ver, não quer mais andar junto, não quer mais nem conversar, é como se algo dentro de você morresse.
- 3) e um terceiro tipo de morte é após alguém que morreu realmente, cair as máscaras e você descobrir que aquela pessoa que você tinha sonhos, projetos e planos se frustrarem mesmo após a morte.
- 4) e até um quarto tipo de morte: quando você se decepciona consigo mesmo, enterrando todos os seus sonhos e todos os seus ideais, vive uma vida viva do morto, ou seja, de um morto vivo.

Hoje existem especialidades na terapia para cuidar só disto, para vermos a dimensão deste assunto.

A palavra do Senhor sempre esteve na Bíblia, mas existem dias que o Senhor nos visita com uma forma diferente e com uma “Rhema” específica em uma determinada passagem.

Mateus 27:62–28:10. A morte de Jesus Cristo e a ressurreição; Quando nos aproximamos ou estudamos um tema, este tema se aproxima de nós em fatos, é comum aconselharmos ou atrairmos assuntos que estamos tratando em sala de aula.

Mateus está narrando o dia seguinte da morte do Senhor Jesus Cristo – sabendo que lendo a palavra do Senhor, ela também nos lê, buscando ao Senhor, Ele também nos busca, buscando a Palavra do Senhor Ela também nos busca.

Dia seguinte, sempre acontece onde a situação e a perda se estabelece, existe um processo normal de luto; Os chefes vão até Pilatos e dizem: “senhor, nós nos lembramos que Ele falou uma coisa”: (Existe um processo, a medida do tempo em que acontece um distanciamento físico da pessoa nós nos lembramos e começamos a pensar na fala, como a pessoa era e precisamos tomar um cuidado para não nos aprisionarmos, pela perseguição daquele que morreu. Existem pessoas que passam por depressão, por luto complicado).

(Uma mulher se casou e dava-se muito bem com o marido, viveu 29 anos juntos, idolatrava ele, e no primeiro ano teve um aborto provocado, provocando um malfeito, e ela ficou estéril, o idolatrava; um dia

de depressão, ela estava aprisionada ao perfeito marido, idolatrando-o, e a amiga fala que este homem a cantou quando estava vivo, ela deu uma nomeação que tornou o quadro dela muito mais agonizante, aprisionada e agora é mais uma morte)

A morte da imagem real que a personalidade da pessoa dá. Existe a morte da imagem da pessoa. Este impostor diz o texto, enganador **Mateus 27:63**, Pilatos destina uma guarda para O vigiar; existem pessoas que estabelecem “guardiões da morte”. Guardiões, são coisas que vem, aparecem, de não falar sobre a morte, ou a pessoa, às vezes acontece também uma situação. A vida precisa ser ventilada sobre a morte, e nós precisamos nos relacionar com isto; Mas a força da vida é maior do que qualquer guardião – **Mateus 27:66**. A pedra se porta como o movimento, ou seja, na família, seja no indivíduo, a vida precisa ser destampada para que a morte perca sua força, para muitos falar alguma coisa de morte, o dia seguinte: é tempo maior, um tempo que se estende.

MORTES QUE MATAM! Cura interior, no dia seguinte. A pessoa que lida com a morte, muitas vezes, vai precisar ir ao lugar da morte. Isso é muito importante para trazer vida aos familiares. Ir ao lugar do sepultamento, este momento vai se tornando e trazendo a naturalidade quando perdemos uma pessoa temos que nos despedir muitas vezes desta pessoa até que ela vá ao lugar da saudade! Existem pessoas que querem escapar, fugir deste assunto, mas não se pode evitar, é preciso ir ao lugar da morte para que haja o sepultamento.

Existem situações de perdas sucessivas, ou perdas de uma família e a comunidade sofre, congela a dor! A tentativa de afastar a tristeza pode retardar a cura de um luto, um trauma. “Elas vão ver o sepulcro”, e é quando vem acontece algo interessante.

Muitas vezes lidar com a morte que a pessoa só consegue esquecer, quando vem um terremoto, “esse tipo de terremoto é bem-vindo”, uma crise absurda, o terremoto é uma oportunidade para que a pedra seja removida, o terremoto, é bem-vindo. Não é incomum que após a experiência da morte de uma criança o marido saia de casa, ou procure uma outra relação sexual, a mulher tende a se recolher, ou deprimir, e o homem muitas vezes começa a trabalhar, buscar, ou até um outro relacionamento sexual para buscar uma excitação do que está vivo.

O anjo aparece e se assenta sobre a pedra, aquilo que era irremovível se move, e o anjo se assenta sobre a pedra, é bellissimo, o que acontece de, sobre esta pedra se senta à esperança; um anjo – “a morte não está mais aqui, ressuscitou”, um tipo de morte, é a separação, ou um divórcio, matar a imagem da pessoa.

Quando o trabalho de luto é superado, a vida vai aparecer em situações do cotidiano.

Mateus 28:8 depois de um tempo de luto, a família se desabilita para a alegria, é necessário haver uma habilitação da alegria novamente. A tristeza se estendeu para todo sistema do organismo da pessoa, existe muita melancolia, muita mágoa. Existem muitas vezes umas pessoas que se habilitam para terem alegria. Existem alguns que não se permitem mais serem felizes. É uma desabilitação da alegria. Parar com o cansaço, parar com a tristeza. Existe uma perda da ilusão, uma perda de inocência, uma perda do encanto, perder a alegria da vida, você cria uma “perda de sentido”, e precisa ser tratado, e se permitir ser feliz e ser surpreendido pela alegria sem medo de perder algo ruim. Habilitar e desabilitar é uma decisão do livre arbítrio.

Quando o luto está se concluindo (“Josué! Moisés meu servo é morto, vamos, levanta-te, esforça-te e tem mui bom ânimo”).

A alegria com um certo temor. **Mateus 28:9-10**. A mais eficaz em cura interior é ajudar a pessoa a se liberar para ser curada, não tenha medo, vai haver outras perdas! “não tenham medo, vão dizer aos outros que há vida, e a vida é maior do que a morte”.

Não fique preso na morte, Deus lhe deu vida. A vida quer voltar e entrar em ti, a vida é muito mais poderosa que a morte. A VIDA ETERNA DO SENHOR é maior do que a morte. O texto de Mateus nos convida a experimentar esta vida; O dia da morte, o dia da preparação, o dia da ressurreição!

Podemos até ficar estancados diante de algumas situações. Não existe dor pequena, nem ridícula, nem precária e nem menor, a dor ela tem o tamanho do sofrimento da pessoa.

O principal ponto do aconselhamento não é a técnica, você é como violino, e não existe instrumento mais desafinado e horrível do que o violino desafinado, não existe instrumento mais belo que tem alegrado a nossa geração do que um violino afinado, o conselheiro é um violino que precisa ser afinado.

Existem outros que afinam violino, deixe-se afinar.

Melhor é ir à casa de luto do que o banquete, **Eclesiastes 7:2-4** porque na festa você não pensa em coisas profundas; o lugar da festa é o lugar a superficialidade, e a casa do luto é melhor porque lá os homens consideram a vida, uma reflexão vertical.

Há um tempo para cada propósito debaixo do sol, há um tempo de morte, conversar com alguém ontem, não impede de ele morrer hoje, muitos ficam em uma situação. Os estágios da vida vão nos relacionando com diferentes estágios da morte. Existem pessoas que já se mataram internamente.

A morte entra na criança como uma sensação de nunca mais.

Nossas relações com a morte vão estar relacionadas com os estágios da vida relacionada às pessoas vão acreditando à medida que vão envelhecendo que a morte está mais perto.

No trabalho de luto há coisas que precisam ser arrancadas. A tempo de tratar, curar e derrubar, proposições com alegria e saltar de alegria. **Eclesiastes 3:1-16**.

Existem algumas perdas que vão exigir um esforço maior das pessoas.

2. Tipos especiais de morte ou de perda – morre uma certa singularidade.

- suicídio.
- Morte súbita (acidente, violenta, natural não esperada)
- Morte súbita de crianças (impede o ciclo natural da vida, que se espera que os filhos sepultem os pais e não os pais os filhos).
- Aborto (natural ou provocado).
- AIDS, estigma natural.
- Pandemia – covid 19

Bob estudou muito o apego, ele diz que a perda de uma pessoa querida é uma posição mais dolorosa e mais intensa a ser testemunhada, pelo fato de sermos impotentes para ajudar.

A sua presença não tornara a pessoa ‘menos morta’, é morte do mesmo jeito, doença crônica, uma doença terminal que se arrastam por meses. É muito comum a pessoa se voltar para a parede, à pessoa está lidando com seu próprio luto, ela está se desligando das pessoas e dos familiares e das coisas e projetos dela.

Bonder, era um capelão e em um lugar no hospital, um paciente perguntou: o que você acha que vai acontecer comigo hoje, disse um paciente em estado terminal!

Então Bonder disse: eu acho que você vai morrer.

Aquele paciente, chorou, agarrou as mãos dele e disse: Obrigado, muito obrigado, por me dar a oportunidade de lhe dizer adeus, pela oportunidade de me despedir.

Mais de 800.000 pessoas no mundo, são atingidas por ano por uma situação de suicídio ou tentativa de suicídio, a morte tem alguns complicadores. Toda morte já é difícil de se encarar, ainda mais quando “morreu por vontade própria – tirou sua própria vida”.

Há muita vergonha relacionado ao suicídio na família, há um medo subjacente, há muita rejeição, rejeição da morte, há muita raiva que não é percebida.

É uma das formas mais agressivas de rejeição. Há muita culpa também, o suicídio é como se mentalmente se permitisse o esqueleto da pessoa, durante muito e muito tempo, em relacionamento afetivo, nós inter-racionalizamos a pessoa e o mundo significativo da pessoa.

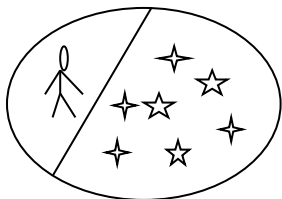
Os motivos e razões são os mais variados possíveis – má saúde, incluindo dor; decepções amorosas, conjugal, solidão, conflitos conjugais, remorso; vergonha, fracasso profissional, carreira ou negócios, falência; problemas financeiros; desgraça; crises de identidade, perda de posição, traição, ciúmes, inveja, enfim, uma lista interminável.

A Bíblia não fala explicitamente sobre suicídio, embora a lei mosaica ordena: “Não matarás”, acredita-se incluir ‘a si mesmo’ também. A Bíblia relata cinco adultos maduros, sendo líderes destacados que cometeram tal ato, o que é mais conhecido é Judas Iscariotes, que se enforcou de remorso por ter traído Jesus e depois o galho quebrou e caiu no precipício.

O suicídio não faz parte da vontade de Deus, embora na Bíblia não contenha uma hierarquia de pecados, todo pecado pode ser incluso na obra perdoadora de Cristo, mas cada caso é um caso e não cabe a nós julgarmos o que aconteceu com a alma desta pessoa; só Deus pode julgar se houve ou não tempo para arrepender-se.

Quando uma morte comum acontece é como se parte de nós fosse amputada, arrancada de dentro de nós, uma parte amputada de nós, no suicídio a pessoa que morreu por algum tempo deixa um esqueleto dentro de nós, intocável dentro da pessoa.

Há um esqueleto emocional que permanece em algumas pessoas por muito tempo.



O suicídio é uma tentativa de fazer certa expiação, muito trabalho por sacrifícios.
O impedimento de ser feliz.

Esta crença quando fica muito presente na pessoa pode criar eventos depressivos. O conselheiro precisa lidar com a censura na vida de uma família do suicida, você precisa lidar com a pessoa, falando a verdade: “ela se matou”. Ninguém é totalmente bom ou ruim, trabalhar com raiva é uma das coisas mais difíceis de se trabalhar, lidar com raiva não pode ser uma situação direta, mas os cristãos são os que têm mais dificuldade de trabalhar com a raiva.

4 sugestões para se tratar casos de suicídio

1º. Não ter medo de falar a palavra suicídio, ‘matou-se’.

2º. Estimular a pessoa a entrar em contato com objetos ou pertences da pessoa que faleceu. Foto ou objetos, que ajude a pessoa a compor uma imagem boa da pessoa.

MUMIFICAÇÃO – precisa ajudar a pessoa a se tornar disposta a despedir, existe situação que a pessoa se recusa a tratar do caso, ou a se despedir, há uma despedida necessária para estes casos. GUARDANDO COISAS DE MORTOS.

A pessoa tem que ser estimulada a despedir-se da pessoa, a despedir-se das coisas da pessoa.

Existem pessoas que se recusam a consolar-se, a despedir-se, existem casais que a vida deles é a morte.

Normalmente um luto é considerado “resolvido” depois de 2 anos, pode ser considerado completo, e totalmente superado, ou até 5 anos.

Nós precisamos despedir muitas vezes desta pessoa, às vezes a pessoa chora, outras, em que a pessoa pensa e até outras que a pessoa evita falar do que se matou.

Existem lutos patológicos, liberados para se distanciar dos objetos, dar as coisas e os pertences.

40 dias após a morte, são tempos intensos no luto.

O trabalho de luto exige um tempo para pensar, relacionar, ‘cair em si’, ele se foi...

O pesar que o luto requer precisa ser expresso, se ele não é expresso o corpo expressa um pesar pelo não pesar. O pesar precisa ser vivido de uma maneira adequada, de tempo adequado. É como se o computador aparecesse um comando ou aviso: “Completar o luto, (10 min.) completar o luto”.

Existem casos que só você chamar a pessoa, a pessoa se assusta, são situações que traumatizaram, congelaram lá traz.

O suicídio não afeta só a pessoa, afeta o sistema familiar, e este que afeta é a destruição, e uma destruição há alguém interessado nisto, e não é Deus. O suicídio existe uma questão de cultura. Por exemplo dos Samurais tem por rito se suicidarem, se forem desonrados, muito embora com um cunho espiritual, mas é suicídio: é pecado.

Existem muitas pessoas que criam situações para se suicidarem naturalmente.

3º. Sugestão para ajudar as pessoas. Ajudar a falar dos seus medos relativos ao suicídio, ou destino eterno, esta condenação não exclui, você precisa colocar a pessoa sobre a misericórdia de Deus, e fazê-la acreditar que ela não é responsável pela atitude da pessoa. Você não é instrumento.

4º. Extremamente importante ajudar a pessoa a fazer uma espécie de caderno de memórias sobre a pessoa que faleceu, fotos da pessoa, e depoimentos colhidos de amigos, do aspecto positivo da pessoa, já trabalhou com ele do processo da humanização da pessoa, uma reconstrução da imagem, um condicionamento da imagem de um suicida, um preparo para a despedida definitiva.

O suicídio está em uma categoria de mortes incontornáveis de se lidar à princípio como luto complicado.

Livre da culpa – encontrando alívio para os seus fardos - Timothy S. Lane

A culpa é terrível. O complexo de culpa real ou fictícia incomoda, perturba e gera agonia. Se houve um motivo, a pessoa fica passando muitas e muitas vezes na sua mente, se sentindo cheia de remorso e de muitas “se pelo menos...”. Sua vergonha e remorso crescem exponencialmente se muitas pessoas sabem o que você fez. Quanto maior o círculo de pessoas que sabem o que aconteceu, mais você sofre.

O dicionário define a culpa como “a consciência de ter feito algo errado ou de ter cometido algum crime, acompanhado por sentimento de vergonha e remorso”. Como todos nós, alguma vez, fizemos o que é errado ou deixamos de fazer o certo, todos nós já experimentamos a culpa.

Você pode pensar em todas as formas de se livrar dos seus sentimentos de culpa. Mas ela não é apenas uma sensação ou um problema pessoal – ela realmente tem a ver com o seu relacionamento com Deus. A forma como você lida com a sua culpa depende de como você vê Deus e de qual lugar ele ocupa em sua vida.

Há muitas maneiras erradas de lidar com a sua culpa, e assim não vão funcionar, pois não levarão a dor embora. A única maneira eficiente de lidar com a culpa é indo até Deus, confessando e se arrependendo, só assim você experimentará a liberdade verdadeira e duradoura.

Formas erradas de lidar com a culpa:

- Negando que você é realmente culpado. Uma forma comum de lidar com a culpa é negando que você fez algo errado. O raciocínio funciona dessa forma: “Eu apenas me sinto culpado porque vivo debaixo de padrões transmitidos por uma geração mais velha que me disse o que era certo e errado. Para não me sentir mais culpado, eu preciso jogar fora esses padrões antiquados e viver da minha maneira”. De acordo com esse modo de pensar, se você sente-se culpado por dormir com a namorada, é porque sua mãe lhe ensinou que sexo antes do casamento é errado. Você acredita que, se convencer-se de que sexo pré-marital não é errado, seus sentimentos de culpa vão desaparecer. Essa abordagem da culpa nega a existência de Deus (ou pelo menos do Deus da Bíblia) e se livra de muitas daquelas regras desagradáveis e acusadoras da Bíblia. Mas isso realmente funciona? O que acontece quando você decide viver por seus próprios padrões e falha até mesmo em mantê-los? Você está de volta ao ponto de partida – sentindo culpa novamente e não sabendo como lidar com ela.

E se sua culpa é apenas um subproduto das regras que sua família e cultura criaram, por que você se esforça tanto para escapar desse sentimento de culpa? Pense no que você faz quando se sente culpado. Algumas pessoas comem em excesso, outras se exercitam, outras vão às

compras, outras bebem, outras usam drogas, outras dormem demais, e outras nem sequer conseguem dormir – a lista é infinita. Por que atravessar todos esses problemas por algo que não existe?

- Tentando ser uma pessoa melhor. Se negar seus sentimentos de culpa não funciona, você pode tentar um outro método também muito usado para lidar com eles: autoaperfeiçoamento moral. Pode ser chamado também de “abordagem da culpa estilo metas de ano-novo”. Quando você percebe que está se sentindo culpado, você resolve parar de realizar o comportamento que está decepcionando a sua consciência. Gulosos resolver fazer uma dieta; preguiçosos resolver se exercitar; desorganizados resolvem arrumar o armário; mentirosos resolvem contar a verdade; viciados resolvem cortar seu vício, e a lista continua. O que acontece com todas essas metas? A maioria de nós não consegue mantê-las – e nossos sentimentos de culpa retornam.
- Comparando-se com os outros. Às vezes nós resolvemos facilitar para nós mesmos e decidimos que não precisamos nos sentir culpados, desde que consigamos achar alguém que esteja numa situação pior que nós. Dizemos coisas do tipo “Eu posso ficar irritado com minha esposa e meus filhos, mas pelo menos eu não os agrido” ou “Eu posso até sonegar meus impostos, mas pelo menos eu não cometi nenhum homicídio”. Nós lidamos com nossa culpa sendo falsos e criticando os outros. Tentamos nos fortalecer discutindo sem parar sobre os erros das pessoas ao nosso redor. Mas isso realmente ajuda? Denegrir alguém talvez nos dê algum prazer momentâneo, mas não nos livra da sensação constante de não ter funcionado. E se estamos lendo as nossas bíblias, sabemos que fofocar é pecado. Portanto, falar dos pecados dos outros apenas aumenta o nosso fardo de culpa.
- Tornando-se obcecado com a sua culpa. Muitos cristãos acabam seguindo esse caminho: “sinto-me tão culpado que fico deprimido” ou “Errei de novo; como posso me aproximar de Deus?”. Você já disse ou pensou algo parecido? Se você está preocupado em crescer como um cristão, provavelmente já. Essa luta pela qual passa é um sinal de que Deus está trabalhando em sua vida. A culpa pode ser algo bom se ela o levar ao caminho certo. Se você não o encontra, a culpa pode destruí-lo. Davi descreve a dolorida experiência da culpa em **Salmos 32:3-4** – “Enquanto escondi os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer. Pois de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; minha força foi se esgotando como em tempo de seca”.

A única forma correta de lidar com a culpa – Deus diz na Bíblia que a culpa que nós sentimos é real. Há um Deus que criou a nós e ao resto do mundo, e ele requer que sejamos perfeitos (**Levítico 19:2**). Infelizmente nenhum e nós é perfeito (**Romanos 3:23**). Todos nós quebramos os dois maiores mandamentos de Deus: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. **Lucas 10:27** Se você está lutando com a culpa, você está em boa companhia. A culpa é parte da condição humana nesse mundo caído. Uma vez que você se torna cristão, você não para repentinamente de pecar, então você precisa lidar com a culpa que vem da sua luta contínua contra o pecado. Essa passagem da Bíblia nos dá uma noção bem clara de como Jesus nos libertou de nossa culpa – **Hebreus 4:12-16**.

Esses versos são sérios, mas encorajadores. Nós prestaremos contas um dia porque somos seres passíveis de prestação de contas, e isso é um padrão. Deus é aquele a quem prestaremos contas, e nossas vidas serão comparadas ao seu caráter perfeito. É por isso que nos sentimos culpados, porque lá no fundo sabemos que somos culpados. Sentimos culpa e temos um senso da vergonha porque violamos os bons e sábios mandamentos de Deus. O que pode nos libertar de nossa culpa?

O próprio Deus nos liberta. Ele enviou o seu único Filho, Jesus, para sofrer por nós uma morte terrível e imerecida. Jesus é o nosso Sumo Sacerdote que não oferece animais por sacrifício, como os sacerdotes do Antigo Testamento faziam. Ele ofereceu a si mesmo e se tornou o sacrifício pelos nossos pecados. A resposta para a nossa culpa é encontrada em sua vida, morte e ressurreição. O apóstolo Paulo descreve esse fato em **Romanos 8:1** – O que significa “já nenhuma condenação há?” Paulo nos dá a resposta em **Romanos 5:8** – a expressão “por nós” nesse verso significa “em nosso lugar”. Jesus veio e morreu em nosso lugar. Ele foi o nosso substituto. Porque ele não tinha pecado, ele pôde pagar o preço pelos nossos pecados. A morte dele por nós significa que podemos ser livres da culpa e reconciliados com Deus. A morte de Jesus é a única resposta real para a nossa culpa.

Então tenha bom ânimo e encontre a cura libertadora para a culpa no evangelho. A cura que está no evangelho começa com o fato de lembrar, refletir e entender o que Cristo fez por você na cruz.

Estratégias práticas para a mudança **Confessar livremente seus pecados**

Como podemos deixar a culpa e desfrutar da liberdade que a morte de Jesus traz? Veja a última frase da passagem de Hebreus que citamos anteriormente. Ela quer dizer que podemos nos aproximar de Deus com confiança. Que declaração impressionante! Porque Jesus pagou o preço pelos nossos pecados, podemos ir até Deus com confiança e confessar todos os nossos pecados. Nós não precisamos ter medo de nos aproximarmos de Deus. Podemos contar a Ele sobre cada pecado e erro sem qualquer temor, porque sabemos que Ele é por nós e irá nos perdoar através de Cristo. Porque Deus nos aceita, podemos confessar qualquer coisa a Ele sem medo da condenação. Você pode começar agora mesmo: confesse livremente seus pecados a Deus. Ele lhe promete que não haverá condenação. Você será perdoado e liberto.

Aprenda a lidar com a vergonha

“Culpa” é a experiência objetiva da culpa, e “vergonha” é a experiência subjetiva do sentimento de culpa. Em nosso mundo, falamos mais de vergonha do que de culpa, porque a maioria das pessoas não acredita que Deus criou o mundo e que governa sobre as pessoas em seu mundo.

Já que a culpa é mais que um sentimento – nós, de fato, somos culpados porque quebramos os padrões sábios e amorosos de Deus – na maioria das vezes em que nos sentimos culpados é porque somos culpados. Sentimo-nos culpados (com vergonha) porque pensamos, dissemos ou fizemos algo que vai contra o que Deus quer que façamos. Veja como o apóstolo Paulo nos descrevem em **Romanos 5:6-10**. É uma passagem consoladora, mas também intrigante.

De acordo com Paulo, nós somos fracos e ímpios. Depois ele nos chama de pecadores e inimigos! Essa não é uma descrição elogiosa. Mas ele está nos contando a verdade: nós somos culpados por causa de nossa rebelião contra Deus. A essência do pecado é tomar o lugar de Deus. Alguns de nós fazem isso abertamente ao dizer que não acreditam em Deus. Já outros o fazem de forma mais sutil, vivendo uma vida que não leva em consideração a existência de Deus. Quando fazemos isso, sentimo-nos culpados e envergonhados diante de Deus. Experimentamos a vergonha por causa de nossa culpa real. Por trás de nossa ansiedade, amargura e atitude defensiva está a culpa. É por isso que vivemos com a sensação de que algo ainda está errado. Nós não conseguiremos nos livrar de nossa vergonha enquanto não identificarmos o problema de nossa culpa real.

Esses versos acima nos apontam para a mesma cura maravilhosa descrita em Hebreus 4. Jesus toma o nosso lugar e suporta a punição que nós merecemos para que a nossa verdadeira culpa possa ser perdoada, e para que sejamos livres. Creia diariamente em Jesus, confesse diariamente os seus pecados e creia diariamente no perdão de pecados. Ao fazer isso, sua culpa real será levada embora e então sua vergonha também desaparecerá.

Vai até a Bíblia para obter orientação

É possível se sentir culpado por ter feito ou pensado algo que não foi realmente errado. Às vezes é difícil saber se a sua culpa vem de um pecado real ou de sua consciência hiperativa. Quando isso acontece, você deve ter sua consciência realinhada pela Palavra de Deus. A Bíblia vai lhe dar um entendimento claro do que é certo ou errado. Se você leu a Bíblia e ainda está em dúvida se o que fez é realmente um pecado, você deveria conversar com cristãos mais experientes que podem ajudá-lo a saber se uma determinada atitude, pensamento ou ação são realmente pecaminosos.

Continue pedindo perdão

Quando você lutar com o mesmo pecado repetidas vezes, não importa o que você faça, continue indo até Deus! Distanciar-se de Deus é o maior erro que você pode cometer. Todos nós temos pecados que cometemos várias vezes. Se parar de caminhar em direção a Deus e de confessar seus pecados a ele, você vai se distanciar da única pessoa que pode ajudá-lo. Quando Deus entra em um relacionamento com você, o amor dele não se torna inconstante, nem muda porque você é um pecador. Continue indo até Jesus com os seus pecados e pedindo a ele desejo e poder para mudar. Ele responderá a essa oração.

Enquanto você ora, medite nesses versos: **1 João 2:1-2**.

A maravilhosa verdade do evangelho é que você é livre para lutar sinceramente diante de Deus, porque você sabe que Ele o ama e que não o abandonará. Ele o ama tanto que poderá enviar uma dificuldade a sua vida a fim de ter sua atenção. Isso não é punição, e sim a amorosa disciplina de seu Pai celestial. Procure também a ajuda de cristãos maduros que podem orar por você, encorajá-lo e a quem poderá prestar contas em sua batalha diária.

Experimente a paz de Deus pela fé

Quando nós entendemos que temos paz real com Deus por causa daquilo que Jesus fez por nós, então conseguiremos experimentar o sentimento de paz ao invés da culpa. O apóstolo Paulo diz: **Romanos 5:1**. Perceba que a nossa parte é apenas ter fé – crer na obra que Jesus fez na cruz e pôr toda a nossa

esperança e confiança nele. Ao invés de lidar com a nossa culpa através da negação, escapismo, metas, denegrir os outros ou sendo obsessivos, nós podemos confessar nossos pecados a Jesus e crer que a morte dele pagou o preço pelos nossos pecados.

Do que você está sentindo culpa hoje? Talvez você tenha dito uma palavra dura para o seu cônjuge, filho ou amigo. Talvez você esteja lutando contra o vício do álcool, drogas, sexo ou jogos de azar. Talvez você tenha um coração cheio de amargura e rancor contra alguém que o prejudicou. Você está cansado de carregar o fardo da culpa? Seja qual for a sua situação, conte a Jesus sobre ela agora mesmo e lhe peça que o perdoe. Agora ouça as palavras dele para você **Mateus 11:28-29**. Ponha toda a sua fé na obra de Jesus por você. Somente nEle você encontrará descanso para a sua alma.

MORTE SÚBITA: acidentes, ou uma idade inesperada, fora do caminho normal do desenvolvimento, mortes assim elas impactam muito a pessoa e a família em desenvolvimento, os acidentes não são humanos, mortes muito violentas, há pessoas feridas, e a pessoa com mortes complicadas na situação de luto, pessoas que se sentem culpadas por não terem morrido em lugar de outros. Morte violenta acontece de uma maneira esperada, nos 90 dias que se seguem imagens intrusivas – a cena da morte; perda, queda, esfaqueamento, intrusão visual, coisas que poluem a natureza com formas intrusiva, imagens que aparecem até 90 dias, quando se tem um episódio de morte, traz um trauma, e é esperado que ela só vá se distanciar deste sentimento no 4º. ou 5º. mês, a cena fica associada a interpretação da pessoa, a cena pode permanecer e complicando o luto da pessoa. Não é incomum que a pessoa tenha um ódio exacerbado do médico, ou uma pessoa como responsável pelo óbito.

Existem “bodes expiatórios” eleitos pela pessoa que tem a função de descarregar o ódio em alguém, pensando que poderia mudar a situação, tem a função de “espiar a culpa” de quem projeta. Temos que ser transparentes verdadeiros como conselheiro e dizer para a pessoa: “Não temos o que fazer!!!” e não iludir dizendo vamos orar, fazer campanhas, etc...

“A dor dele estava mais suportável dentro de mim, isto nos dá mais estrutura para lidar com a pessoa”. Quem viveu na fomalha tem uma percepção de fomalha única, e inigualável que só eles que viveram a fomalha que o tem.

Toda morte traz uma sensação de desamparo também. Na perda súbita e violenta, a sensação aumenta demais de desamparo, de uma maneira muito intensa, só que é necessário que a pessoa vá se acostumando com a vida.

A pessoa precisa ser estimulada a continuar o que estava fazendo antes da morte do ente querido.

As Escrituras precisam ser citadas como fonte de vida e não explicação da morte, não faça uma leitura chapada da Escritura, nunca diga: “é a vontade de Deus, ou a vontade de Deus é a melhor e nem diga: “o Senhor deu e o Senhor levou! Louvado seja o nome do Senhor” (isso Jó disse acerca de sua própria perda e nunca em relação à perda do outro).

É interessante olhar que Jesus não falou para a prostituta e nem para a mulher que já tinha tido 5 maridos: “necessário vos é nascer de novo”, compaixão é a marca do Deus da graça.

Há momentos que o melhor consolo é estar junto, não falar nada é a melhor palavra! É difícil negar a morte quando a pessoa fica junto ao caixão durante muitas horas. Além disso, palavras de consolo e lembrança por parte dos que comparecem ao enterro são uma fonte de força para os sobreviventes. E há momentos que o melhor consolo é chorar a dor dos que choram. **Romanos 12:15**

MORTE SÚBITA DE CRIANÇAS: a morte de uma criança com menos de 12 anos leva os pais a uma situação de muito impacto, revolta, pode trazer um luto encoberto. O pai e a mãe podem ser incapazes de lidar com a dor dos outros irmãos (filhos), e o aconselhamento pode ajudar, reunindo a família e ouvindo cada um pelo falecido. A criança provoca dois impactos profundos aos pais: Os pais ficam sem pai e nem mãe, quando a criança morre. Se é o primeiro filho ou filho único.

A maioria dos pais não autoriza quando a equipe médica diz ter que se fazer autópsia, é como se houvesse uma segunda morte, sentem como se fosse uma ofensa maior, se fazer uma autópsia numa criança.

Não é aconselhável ter um outro filho logo após perder um, é aconselhável após 2 anos ou mais, quando há abortos sucessivos, o útero assume uma posição de morte, e a criança é gerada como posição de morte. O sofrimento tremendo de ficar algum tempo com o filho é super importante para a cura, necessário para o processo de encerramento do ciclo; a dor não se cura evitando a dor.

O aborto mesmo quando não é provocado, é uma marca de morte na relação de casais.

O aborto é uma perda a dois. Quando o homem está mais envolvido com a esposa ele fala: nós abortamos, e não lança sobre a esposa, ela abortou, tem que assumir a sua parte também. A mãe não perdeu um feto, ela perdeu uma pessoa; um filho, uma criança.

Não é aconselhável que se engravide logo, 1 a 2 anos pelo menos.

Quando a criança morre depois do 7º. mês, não coloque o mesmo nome do morto, ou de uma criança morta no próximo filho, é colocar a sombra da melancolia do morto no vivo.

Sentimentos ambivalentes na família, precisam conversar com as crianças porque pode ficar muito em luto invisível. Nossas misericórdias muitas vezes são exercidas sem alegria.

Normalmente quem passa por um aborto tem dificuldades, podendo ser espontâneo ou provocado.

Alguns, se tornam casos mais graves quando desenvolvem o que é chamado de “Síndrome pós-aborto”, onde sobrevivem sentimentos de culpa, arrependimento, depressão, coração partido e tristeza.

É normal muitas vezes não saber como encarar o que ocorreu e evitar pensar no assunto, ou muitas vezes, sentir raiva ou até sensação de ter sido traída. O aborto a levou à dor e a relacionamentos abalados.

Se foi provocado, você pode estar com medo de encarar o que Deus tem a lhe dizer. Mas Ele é Àquele que pode ajudar e trazer esperança para cada aspecto da dor que você sente. A misericórdia de Deus lhe convida a confessar a Ele. Deus lhe oferece perdão. Sente-se arrependida? Seu Redentor é especialista em reconstruir vidas destruídas e fazê-las frutíferas.

Parece que essa dor não vai embora? Deus é um refúgio para os quebrantados e desamparados. Jesus quer trazer para sua vida, misericórdia, esperança e transformação.

O aborto é visto com vergonha. Não importa como você veja o aborto intelectualmente, a vergonha dentro de cada pessoa lhe diz, lá no fundo, que sabe que fez algo errado, mesmo aqueles que sempre apoiaram o direito de uma mulher realizar o aborto, quando o fazem, se surpreendem com a sensação de acusação, condenação e tristeza.

Muitos vão dizer que fez a melhor escolha, porém, só a pessoa sabe que luta com sentimentos que não desaparecem. Muitas mulheres sempre souberam ser errado o aborto, porém, por conta do medo, da vergonha de sua gravidez, da forma como aconteceu, acabaram fazendo exatamente o oposto, e hoje sofrem o desespero da agonia e condenação, e talvez, o que lhe parece mais cômodo é ficar em silêncio e não permitir que ninguém toque no assunto, porém a pessoa tem que substituir o silêncio por confissão.

Tudo aquilo que você mantém escondido fica cada vez mais obscuro, confuso e ameaçador com o passar do tempo. Tudo aquilo que é ventilado e exposto através de uma confissão, de um arrependimento começa um processo curador.

Deus entende e mede o peso dos muitos fatores que levam uma pessoa a tomar tal decisão, Ele vê a situação difícil em que a pessoa estava e entende a pressão que a pessoa enfrentou.

Por isso, ponha de lado todas as razões de seu aborto – sua idade, seus planos escolares, seus problemas financeiros, como sua gravidez aconteceu, a pressão de seu companheiro e/ ou família, a vergonha que teve da gravidez e mergulhe em Deus e desfrute da misericórdia dEle.

A verdade é que Deus é contrário a que se tire a vida inocente do corpo de uma pessoa que foi feita para cuidar e nutrir essa vida. Assim como Deus criou você, Ele criou a vida que você carregava (**Salmos 139:13-16**). O poder da vida e da morte pertence a Ele apenas. Não é direito nosso tirar uma vida inocente, não importando quão inconveniente ou não desejada ela seja.

Mas o Deus que nos vê claramente é cheio de misericórdia. Ele não deseja que você viva o resto da sua vida cheia de culpa, remorso e de um silêncio vergonhoso. Ele deseja que você encare a gravidade do que ocorreu para que se volte para Ele e encontre Sua misericórdia. Ele quer que esse momento seja um divisor de águas em sua vida – o momento em que você se rende e acaba por ser encontrada pelo amor e pela misericórdia dEle. **Tiago 4:6**.

Deus se opõe àqueles que não admitem a necessidade que têm, mas concede graça àqueles que reconhecem sua necessidade. Deus nos dá mais graça, não importa a gravidade do problema – a graça pode ir mais fundo, mais alto e mais longe. Deus vai ao encontro da sua confissão com misericórdia.

Não tenha medo; você não sofrerá vergonha. Não tema o constrangimento; você não será humilhada. Você esquecerá a vergonha de sua juventude. **Isaías 54:4**

Deus a convida a sair de seu esconderijo e a conversar honestamente com Ele. Ele lhe dá razões poderosas para não ter medo e para esquecer a vergonha do que fez. Essas razões não estão em seus ombros. Você se esquecerá de sua vergonha por conta de quem Deus é e daquilo que Ele fez por você. Deus é o seu Redentor. **Isaías 54:5**.

Há muitos casais estéreis porque ele ou ela, participou, ou financiou, ou ao menos apoiou, ou foi levar alguém para abortar, e isso alojou uma maldição de esterilidade, precisa se arrepender e ser confessado para cancelar essa legalidade no mundo espiritual.

Jesus veio a este mundo para nos redimir. Ele entrou em nossa tristeza, pecados, doenças, culpas, condenações e dores e colocou tudo sobre Si mesmo. Ele morreu em uma cruz pelos nossos pecados, incluindo este que pesa sobre você agora. A morte de Jesus é a sua garantia de que, quando você vem até Deus e lhe confessa seus pecados, você receberá sua misericórdia. **1 João 1:8-9**.

Jesus não vai ao encontro de sua confissão com desprezo, censura, julgamento ou condenação; e sim com perdão e bondade. A morte e ressurreição de Jesus lhe garantem que Deus aceitará sua confissão e irá lhe conceder perdão e proteção. Porque Jesus pagou o preço dos seus pecados com a morte dEle, você pode pedir a Deus que a liberte e a proteja de ficar presa em um redemoinho de vergonha e escuridão. Davi expressa esse sentimento – **Salmos 25:1-3**.

A vergonha faz a pessoa se sinta desprotegida, vulnerável e temerosa de humilhação ao aparecer em público. Davi conhecia esse sentimento, então ele implora a Deus. **Salmos 25:20**.

Corrie Ten Boom, sobrevivente do campo de concentração no holocausto, disse certa vez: “Não há poço algum tão profundo que o amor de Deus não possa alcançar”.

Acredite no perdão de Deus, na aceitação e nos bons planos de Deus para você. Medite nestas passagens: **Isaías 49:14-16; Romanos 13:9-10; Hebreus 13:5; Números 6:24-26; Êxodo 34:6-7; 2 Coríntios 1:20; Hebreus 4:16;**

A gratidão sincera pelo perdão de Deus muda a sua vida para sempre. Deus não deseja a morte de um pecador. Deus deseja que você se volte para Ele, e então, Ele perdoa e absolve todos aqueles que verdadeiramente se arrependem. Se arrepender é um grande passo para se voltar para Deus. Quando você vai até Deus com tudo o que você fez de errado em uma mão, e estendendo a outra para alcançar misericórdia dEle, você será curada e liberta. **Isaías 57:18**. Deus não deseja que a pessoa que passou por esta luta profunda passe por isso sozinha. Assim que quebrou o silêncio que rodei o aborto através da confissão à Deus, agora tome o próximo passo e encontre alguém com quem conversar sobre o assunto – alguém que irá lembrá-la da misericórdia de Deus por você. A misericórdia de Deus não se expressa apenas de forma individual, mas através da comunhão com o povo de Deus. Compartilhe a sua luta com duas ou três pessoas em quem você confia. Não permita que seus sentimentos de culpa, vergonha, impeçam de trazer às claras o aborto e de receber a misericórdia de Deus e de outros. Obviamente, você deve estar atenta a quem contar sobre o seu aborto. Você não precisa contar sobre esse pecado a todos que você conhece, assim como não precisa contar para todo mundo sobre qualquer outro pecado. Encontre ao menos uma pessoa que a ouvirá sem julgamento, que a lembrará da promessa do perdão de Deus e que irá orar com e por você!

Uma das muitas maneiras que Deus usa para transformar o mal em bem é fazendo de você uma pessoa verdadeiramente útil para outras que estão pensando em realizar o aborto ou que estão sofrendo depois de passarem por um. Pense em tudo que você tem a oferecer para outras mulheres. Você sabe exatamente como elas se sentem. Você conhece a luta com a culpa, o silêncio, a raiva e o remorso. Você sabe que a esperança está somente em Jesus. Seja um instrumento de Deus para a vida desta pessoa. Fique atenta às oportunidades de se colocar ao lado de mulheres que vivem a luta que você viveu. Com a sua experiência, você poderá confrontá-las com a verdade de Deus e confortá-las com a misericórdia de Deus de uma maneira que poucas pessoas podem.

Seu aborto trouxe uma grande tristeza para sua vida, mas Deus tem poder para redimi-la e para transformá-la em uma mulher que O ama e que leva o amor dEle para outras pessoas.

MORTES VIVIDAS POR UM LONGO TEMPO DE DOENÇAS CRÔNICAS, ou idosos, a família experimenta um luto antecipado, a pessoa com doença crônica, a pessoa gradualmente vai vivendo o

seu luto, ela corta o contato, está lúcida, está percebendo, ela vai se afastando, se desligando, a pessoa vai se afastando, vai virando o rosto para parede, ou vai demorar para abrir os olhos, vai demorar para querer falar, muitas pessoas entram em um estado de demência perto da morte, um marido de 80 anos com ciúmes de um genro de 30 e sua esposa de 79 anos. Doenças crônicas e terminais, o povo vive um luto antecipado, a família fica em prontidão de um sistema esperado. A vida é um ciclo entre a vida e a morte, a pessoa tem o direito de se alegrar, permita-se ao direito de se alegrar, quem morreu, morreu, você não pode ficar chorando o resto da vida, tem que se alegrar.

ESCLEROSE LATERAL AMIOTRÓFICA (ELA)

Artigo do Dr. Drauzio Varela

A esclerose lateral amiotrófica (ELA), cuja causa específica ainda é desconhecida, caracteriza-se pela degeneração progressiva de neurônios motores localizados no cérebro e na medula espinhal.

A esclerose lateral amiotrófica (ELA) é provocada pela degeneração progressiva no primeiro **neurônio** motor superior no cérebro e no segundo neurônio motor inferior na medula espinhal. Esses neurônios são células nervosas especializadas que, ao perderem a capacidade de transmitir os impulsos nervosos, dão origem à doença.

Não se conhece a causa específica para a esclerose lateral amiotrófica. Parece que a utilização excessiva da musculatura favorece o mecanismo de degeneração da via motora, por isso os atletas representam a população de maior risco.

Outra causa provável é que dieta rica em glutamato seja responsável pelo aparecimento da doença em pessoas predispostas. Isso aconteceu com os chamorros, habitantes da ilha de Guan no Pacífico, onde o número de casos é cem vezes maior do que no resto do mundo. Estudos recentes em ratos indicam que a ausência de uma proteína chamada parvalbumina pode estar relacionada com a falência celular característica da ELA, uma doença relativamente rara (são registrados um ou dois casos em cada cem mil pessoas por ano, no mundo), que acomete mais os homens do que as mulheres, a partir dos 45/50 anos.

Apesar das limitações progressivas impostas pela evolução da doença, o paciente costuma ser uma pessoa dócil, amorosa, alegre, que preserva a capacidade intelectual e cognitiva e raramente fica deprimida.

Sintomas

O principal sintoma é a fraqueza muscular, acompanhada de endurecimento dos músculos (esclerose), inicialmente num dos lados do corpo (lateral) e atrofia muscular (amiotrófica), mas existem outros: câimbras, tremor muscular, reflexos vivos, espasmos e perda da sensibilidade.

Diagnóstico

A doença é de difícil diagnóstico. Em grande parte dos casos, o paciente passa por quatro, cinco médicos num ano, antes de fechar o diagnóstico e iniciar o tratamento.

Tratamento

O tratamento é multidisciplinar sob a supervisão de um médico e requer acompanhamento de fonoaudiólogos, fisioterapeutas e nutricionistas.

A pesquisa com os chomorros serviu de base para o desenvolvimento de uma droga que inibe a ação tóxica do glutamato, mas não impede a evolução da doença. Os experimentos em curso com animais apontam a terapia gênica como forma não só de retardar a evolução, como possibilidade de reverter o quadro.

Recomendações

- O diagnóstico e o início precoce do tratamento são dois requisitos fundamentais para retardar a evolução da doença. Não subestime os sintomas, procure assistência médica;
- Embora a ELA seja uma doença degenerativa irreversível, não há como fazer prognósticos. Em alguns casos, a pessoa vive muitos anos e bem; a pessoa não perde a memória, está lúcida e consciente entendendo tudo ao seu redor, ouvindo, pensando, só não consegue se comunicar. (muitos até dizem que é uma pessoa viva dentro de um “corpo morto”).
- A relação do paciente com a equipe médica e familiares é sempre muito rica. Ele está sempre animado e procurando alternativas para enfrentar as dificuldades do dia a dia;
- Pelo menos aparentemente, o portador da doença costuma sofrer menos do que o cuidador, que precisa aprender a maneira correta de tratar do doente, sem demonstrar que teme por sua morte iminente.

MORTES COMPLICADAS COM HIV+, uma situação de luto complicado – primeiro o medo do contágio, a Instituição Betel em 98, com uma situação estratégica de ver a situação do aidético. Qual o tipo de relação que você tem com o contágio, com a pessoa. Você é conselheiro e está lidando com a pessoa, precisa lidar com a situação da pessoa do enfermo, com o preconceito, quando se lida com a pessoa é preciso ter o entendimento que a misericórdia de Deus é muito grande.

A comunicação da graça de Deus, a graça inefável.

A compreensão e a encarnação da graça de Deus em Cristo Jesus é muito importante.

A nossa geração está idealizada a viver mais.

A Terceira Idade começa após aos 60 anos, é importante como o ministério da terceira idade passa a viver alegre, comunicando vida, e juntas, um tempo de recordação, um tempo de saírem juntas e uma reunião a cada semana. Medicação de uso contínuo, evangelizarem outros idosos, através de medicação que dão, as pessoas mutuamente se consolam, é uma coisa muito abençoada na igreja e tem que ser carregado de vida, com o idoso é muito importante o toque, o beijo, há uma necessidade de contato. A procura abusiva de procurar do médico. Vamos tratar melhor em uma matéria específica para entendermos e encararmos como a “Feliz idade” - felicidade, feliz idade.

A pessoa deve ser preservada em seu lugar até quando ela puder, muitas vezes se muda e fica sem o “seu lugarzinho”, isto é muito importante conservar, é sempre importante conservar algumas coisas, objetos, etc. Os idosos têm projetos muito curtos, mas eles precisam ser estimulados a terem projetos. (o

mês que vem vamos visitar Holambra, Campos do Jordão, estimular os pequenos projetos para fazer, entrar em contato com algumas questões).

O livro de memórias só pode acontecer quando a pessoa já puder lidar com isto, isto é importante, que vai sendo composto com os fragmentos.

O luto é como nascimento, é preciso gestar, é como uma gestação para um novo renascimento à vida.

Lidar com desenhos, lidar com expressões deles, o que ela vê que falta, sonho e projeções. Quando você crescer...

Ministério da Eirene, trata com trabalhos de família; harmonia em casais e família com a terapia familiar sistêmica. www.eirene.com.br (tem muitas publicações sobre luto, relacionamento conjugal e também familiar sistêmico; tem uma publicação sobre um trabalho sobre morte precoce de crianças e luto visto pela criança).

Recursos aprendidos e fundamentais.

As perdas são vividas em família, a família é uma posição importante à doença crônica.

O outro filho tem direito à vida, tem direito a alegria, não mate o que está vivo pela morte do outro. É fácil esquecer que temos outros filhos quando estamos tentando tratar de uma criança doente e enfrentando o nosso próprio sofrimento. Geralmente os outros filhos compreendem a situação e fazem menos exigências em relação aos pais. Mas elas precisam de mais e não menos amor nessas horas. E o mesmo acontece com os pais. Justamente quando as outras crianças precisam de afeição, calor e amor, os pais parecem remotos e em fugas. Algumas vezes as crianças são deixadas a sós com seus problemas emocionais e questionamentos infundáveis, enquanto a mãe passa longos períodos lendo a Bíblia ou chorando. E o pai pode encontrar desculpas para trabalhar até mais tarde e ficar longe de casa. Essa é a hora de forçarem a si mesmos a falar e ouvir um ao outro, e ficar sentados em silêncio mas juntos, dando uma maior atenção aos filhos. Seus outros filhos precisam desesperadamente de sua afeição, supra a falta do que se foi com uma dose excessiva de amor aos que ficaram. Depois que uma criança morre, essa é a hora em que a família deve permanecer mais unida. Se for possível programar uma viagem em família para ressignificar e restabelecer novos alvos e propósitos integrando a família é super proveitoso e não pode ser encarado com condenação ou culpa, mas sim, terapêutico. A franqueza em mencionar os problemas e dúvidas, bem como as lembranças... (que bom se ele (a) estivesse aqui, ele gostaria de estar fazendo tal coisa...), assim como as memórias do que faleceu, e em discutir a morte, formam um clima emocional saudável numa casa. Os filhos – e os pais – precisam desesperadamente de um ambiente assim depois de ter ocorrido uma morte.

Quando uma criança morre ou adocece muito, algumas outras crianças são afetadas. Quando uma criança perde um pai ou uma mãe, o crescimento pode ficar travado naquela idade, e às vezes fica muito agressivo. Essa criança precisa ser ouvida, atendida, confrontada e confortada.

A morte e uma criança é a menos natural e mais difícil de se encarar. O ciclo da vida é que os mais novos sepultem os mais velhos. As crianças foram feitas para brincar, rir, para o sol, e não para a dor. Elas não possuem também a capacidade para enfrentar o sofrimento que chega com a maturidade. Uma criança é osso dos ossos de seus pais, carne de sua carne, quando a criança morre, parte dos pais é sepultada com ela. Mais difícil do que a morte de uma criança é o sequestro, desaparecimento, a agonia da falta de informação do que está acontecendo, se está viva ou morta?

- 1º. O violino é você.
- 2º. Tenha sensibilidade.
- 3º. além do violino use o termômetro para se ter a sensibilidade se é o momento de tratar e cuidar.

A morte dos pais pode travar a criança, às vezes alguns adultos ficam sensibilizados e não veem a dor da criança que ficou. O adulto precisa saber – eu vou chorar, mas vou vitalizar aqueles que estão vivos.

Numa mesma família os irmãos são diferentes de um para o outro, depende da estrutura de cada um dentro da família. Se você trabalha com a família, precisa observar qual deles sente o desejo de morrer, ou acha que seria mais fácil abandonar os sonhos e partir desta vida.

A raiva e a culpa são sentimentos muito comuns.

A família precisa ser ajudada quando você percebe que criou uma espécie de dois mandados não ditos, a ideia ninguém tem direito de ser feliz, enquanto alguém estiver sendo doente, ou em estado de morte, mas esta ideia é errada, quando se tem um dos filhos doentes, tem que se ter estrutura para dar vida e tratar o que está vivo como vivo e não como morto.

Não é incomum que o homem, o pai ou irmão mais velho, é um tentando de produzir vida, então atira muito à área sexual.

A morte não é uma surpresa inesperada da vida, mas é uma esperança que faz parte da nossa caminhada, tratá-la o mais naturalmente possível.

Técnicas de vida

1º. Linguagem evocativa – usar uma luz vocativa que ajude a pessoa a falar como era a pessoa, que ajude.

2º. Precisa se ver o momento – a pessoa mesmo vai dando margem para ver o que pode ou não fazer, usar objetos que ajude a pessoa a relacionar. Expressar os sentimentos pela pessoa, e a elaboração do luto, fotos vídeos, objetos. (sensibilidade para ver se é o momento). Objetos que possam ajudar o manejo. Fazer a lembrança da pessoa para despedir-se.

3º. Escrever – quando escrevemos (carta ou diário), isto vai ajudando a organizar o nosso pensamento. Desenhar também (crianças e adolescentes) não tente interpretar os rabiscos, não há interpretação, é uma leitura que ajuda a pessoa. (esse tipo de expressão não há interpretação nessa fase, é só para se colocar para fora o que se sente).

Outros têm uma expressão e uma forma de encenar, deixe encenar, repita isto para a pessoa.

A morte precisa ser deixada no lugar de morte, deixar lá para sair com vida.

Você pode escrever uma carta para Deus, o que você tem sentido e passado pela falta desta pessoa. Depois, ir até a sepultura e dizer para o túmulo, não é rito mágico e nem místico é um processo terapêutico.

A pessoa vive um sentimento que é uma traição. Mas a situação vive conosco até que eu deixe o morto no seu lugar de morto.

Ter a percepção de pessoas que passam por luto e começam a vestir inconscientemente só cores opacas, preto ou cores pastéis, sem brilho, sem variedade de cor, isto demonstra o estado emocional da pessoa.

Quando estou tratado eu tenho a falta, mas a falta não me tem.

Tirar a roupa preta, e se despedir, e se vestir para vida com cores bem coloridas. **2 Samuel 12**

É importante o conselheiro ajudar a pessoa a fazer uma reestruturação cognitiva. O filho por exemplo que perdeu os pais: “Ninguém mais vai me amar novamente”, isto precisa ser tratado, “eu me sinto incapaz de amar”, tem que ser tratado!

Nunca antes de dois anos, antes de dois anos, o luto é incompleto, a criança normalmente tem muito trabalho para resolver a situação de luto.

1º. Para o aconselhamento ser saudável o conselheiro precisa ter consciência das próprias perdas.

2º. Quais são as perdas que são temidas pelo conselheiro.

3º. Qual o nível de ansiedade existencial na vida da pessoa.

4º. Como é que na sua família de origem as perdas foram ou não elaboradas.

Existem alguns lutos ou perdas que são impossíveis de se lidar naquele momento.

Profissionais que lidam com pacientes terminais, precisam ter outros tipos de funções, eles sabem disto, agora em aconselhamento também é assim existem situações que não pode ser você que vai lidar.

Angústia, falta de alegria de viver, falta de projetos na vida. Como avalia o estado do conselheiro.

Perguntas chaves: Se já lidou ou está lidando com perdas?

O conselheiro que pretende se esmerar nessa área de ajuda ao próximo precisa fazer um inventário das condições para lidar com perdas e lutos.

1. Quantos anos tinha quando lidei com a morte a primeira vez.
2. De quem foi esta morte.
3. O que você se lembra deste tempo em que aconteceu na morte.
4. Qual foi o primeiro enterro ao qual você compareceu?
5. Qual foi a sua perda mais recente?
6. A morte mais difícil para mim hoje seria.... Porque?
7. As pessoas que convivem comigo, a segunda e a terceira morte mais difícil, seria dê: Porque?
8. Eu sei que meu próprio processo de luto está terminando quando.... Porque?
9. Se um anjo aparecesse subitamente e dissesse que você vai morrer em um ano. O que você faria?
10. O que eu não poderia deixar de fazer?
11. Com quem falaria?
12. Que sonhos eu realizaria?
13. Que coisas eu deixaria imediatamente de fazer?
14. E na pedra, na sua lápide do seu lugar de sepultamento, que coisas você gostaria de escrever além do seu nome.
15. Quem você acha que iria ao seu enterro, os primeiros 10 nomes.

Um filho que se perdeu

Uma das narrativas mais sublimes e repletas de compreensão e amor é a do filho pródigo. Essa história nos ensina muitas verdades sobre a dor de perder um ente querido. De significado singular, essa perda faz sofrer não apenas aquele que se foi, mas sobretudo aquele que ficou de mãos e coração vazios. Este é o maior exemplo de uma perda temporária. O pai do jovem pródigo não chorou a morte física do filho, mas sua morte espiritual. Aprendemos que mesmo temporárias, as perdas provocam muita dor e sofrimento nas pessoas que esperam o retorno de quem se foi.

Se a vida fosse feita apenas de vitórias, com certeza ela não teria tantos momentos de emoção, alegria e surpresas. Sem dúvida alguma, a monotonia seria uma companheira inseparável do homem. E a vida monótona deixa de ser vida e torna-se vida vegetativa, sem a menor atração.

Toda perda está envolvida por um simbolismo de renovação. Quando um animal perde a pele, não está perdendo a vida, mas se renovando para uma nova caminhada. A lagartixa perde com muita frequência a cauda. Quando isso ocorre, imediatamente se inicia um processo de regeneração. Em pouco tempo a cauda está de volta, novinha. Assim como a lagartixa aguarda o tempo passar esperando a nova roupa, o homem também precisa aprender o segredo da espera. Não aquela espera angustiante, estressante e incômoda. É preciso esperar com fé e paciência, como cantou o salmista Davi. “Coloquei toda minha esperança no Senhor; ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito de socorro”. **Salmos 40:1**

A narrativa do filho pródigo é sempre analisada pelo prisma do filho que abandonou o lar. Muitos outros personagens fizeram parte dessa parábola. Um deles foi o pai, que, com certeza, deve ter sofrido em demasia pela decisão insensata do jovem. Ele sofreu de verdade, mas não se deixou dominar pela dor da ausência. Em nenhum momento da história ele demonstrou uma atitude hostil, um gesto agressivo contra aquele que partia. O sofrimento foi duplo. Primeiro por perder o filho querido para o mundo. Quantos lares ainda hoje amargam essa tristeza. O livro: **“Volte para casa, alguém está à sua espera – Bispo Tito Oscar”**, onde ele afirma que o jovem rompeu com uma estrutura sadia e equilibrada para assumir o comando de sua vida. Ele se desligou da fonte geradora que o mantinha em equilíbrio e harmonia com seu mundo, buscando um horizonte sem horizonte, partindo para um mundo totalmente desconhecido. Quantos jovens que ocuparam os bancos das igrejas e se abraçavam sorridentes numa alegria incontida foram repentinamente tragados pelas correntezas deste mundo tenebroso?

Em segundo lugar, creio que o pai sofreu por conhecer o que o filho desconhecia. Ele sabia como o mundo era cruel. Conhecia suas artimanhas, seus becos e ruelas, suas noites cheias de gritos de dor e desilusão. Esse conhecimento encheu o coração parterno de pesar e angústia. Mas o pai nada fez para impedir que o jovem escorregasse na ladeira da desgraça. Não tardou muito para a verdade aflorar. O texto nos diz que a ilusão de uma vida independente não durou muito. Logo o jovem percebeu que havia se precipitado. Acordou na hora certa – “caiu em si”. Assumiu primeiramente seu erro perante Deus, e depois diante do pai. Apesar de tudo o que o perturbava, ele se manteve de pé e percorreu o caminho de volta.

O duplo sofrimento provocado pelo filho no coração do pai não congelou o amor que este lhe dedicava. Agir como esse pai é o grande segredo para enfrentar momentos em que a vida nos rouba algo muito precioso. Ele encontrou saídas que lhe permitiram continuar contemplando a trajetória do sol pelo céu, sem guardar magoas nem ressentimentos.

Esse pai acima de tudo, não permitiu que a revolta dominasse seu espírito. Em nenhum momento a Bíblia fala que ele perdeu o controle ou que passou a agir de forma estranha. Ao contrário, continuou em silêncio, aguardando o desfecho que no fundo sabia que ocorreria.

Não se prenda à amargura quando uma pessoa de sua vida partir em um novo vôo ou nova aventura. Aquele que fica sempre sofre mais, pois sente culpa por não ter agido de forma diferente. Muitas pessoas entram num processo de depressão, abatimento e desvalorização da vida, ao ver alguém abrir a porta da comunhão e partir. Como é difícil permanecer sozinho. Como é duro aceitar passivamente a partida, quer do filho, quer do cômjuge, quer de qualquer pessoa amada.

O pai mesmo sofrendo, soube aquietar o coração e aguardar o desfecho. Aquele pai tomou outra atitude importante para suportar a perda sofrida: não fantasiou a saída do filho. Fantasias são diálogos interiores provocados na busca de resposta para perguntas que nunca foram feitas. Normalmente, esses diálogos ocorrem quando sofremos algum tipo de perda, quando interrogamos personagens fictícios, ou mesmo aquele que se foi, na tentativa de nos convencer de que a falha não foi nossa.

Aquele pai não entrou nessas confabulações. O filho partiu porque desejou partir.

O pai lhe deu o direito de agir conforme a sua vontade.

Em um dos estudos que Bispo Tito Oscar, ministrou na Igreja sobre a família, se reportou à experiência do pai do jovem pródigo. Afirmou que devemos dar a nossos filhos o direito de errar, de tomar decisões equivocadas. Nem sempre uma perda produz perda. A pedagogia da perda é sempre positiva, pois não raro introduz uma mudança no rumo de nossos passos e no curso de nossos sonhos.

Quando os pais se tornam exigentes demais, acabam prejudicando a formação dos filhos. Poucos pais, nos dias de hoje, agiriam com a liberdade do pai do filho pródigo. Essa liberdade de deixar um filho errar tem algumas características importantes. Em primeiro lugar, é preciso que os pais continuem pais em toda e qualquer situação. Quando o filho retornou do fracasso, ele encontrou o mesmo ambiente que deixara. O pai não cessou de amá-lo e o recebeu com carinho, mas, principalmente, não deixou de abençoá-lo. Muitos perdem os filhos quando eles saem de casa e continuam perdendo quando voltam.

Em segundo lugar, os pais devem aprender a conviver com a possibilidade de perder, sem permitir que as perdas desestruturem a vida. O pai do pródigo correu o risco de perdê-lo para sempre, mas soube manter sua posição, pois havia ensinado ao filho os princípios de uma vida sadia e submissa ao Senhor. Foram as lições ministradas ao jovem durante o crescimento que o fizeram voltar. Tenha cuidado para não criar fantasias. Enfrente as lutas e as perdas com naturalidade. Se elas forem temporárias, mais hoje mais amanhã você terá tudo de volta. Se forem definitivas, ainda assim você contará com a graça sustentadora do Pai.

E, finalmente, o pai conseguiu se manter em paz, porque não abrigou no coração nenhum ressentimento e nem sentimento de desforra. Quantas vezes as perdas normais da vida acabam produzindo ainda mais baixas em nosso espírito. Conheci um casal cujo esposo, depois de deixar o lar, resolveu retornar. Estava disposto a pedir perdão à esposa e reativar a união conjugal. Enquanto ele se manteve fora, ela passou por momentos de profunda tristeza e depressão. Chorava com muita frequência e, as vezes, a simples menção do nome do marido. Um belo dia ele aparece, pedindo reconciliação. Em lugar de abraçar essa oportunidade e dar um fim ao sofrimento, ela agiu de forma totalmente errada. As primeiras palavras foram de acusação, censura e crítica. A discussão foi tão forte que o marido nem desfez as malas. Voltou as costas e foi embora. Até hoje essa esposa sofre.

Quando o filho pródigo apareceu na curva do caminho, o pai já estava de braços abertos para recebê-lo. Sem uma palavra de censura ou admoestação, ele ordenou que o melhor almoço fosse preparado. Além disso, deu ao filho um anel e vestiu-o com a melhor roupa. Para o pai, o filho havia ressuscitado. “Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado”. **Lucas 15:24.**

Aprenda a manter sempre o coração limpo e preparado para a volta daquilo que você perdeu. Seja o que for, Deus jamais permitirá que você permaneça com um vazio no coração.

A dor de uma lágrima

Ninguém gosta de falar de morte, uns têm urticária, outros se arrepiam, outros preferem mudar de assunto e outros começam a chorar, pois, trazem à lembrança entes queridos que já se foram, mas fica inevitável não citarmos este assunto quando na verdade em cada ano, nosso calendário está registrado um “dia de finados”.

Gostaria de te levar a visualizar a morte por um outro prisma; Deus em Sua Palavra nos permite fazermos esta analogia, pois, ao falar de morte, eu sempre relaciono com “RESSURREIÇÃO”, e vida!

Jesus nunca tratou a morte como o fim de tudo! Aliás, você já pensou onde vai passar a eternidade?

Temos que entender que só temos uns poucos anos, ou para alguns, dias..., para decidirmos isto...

Esta vida é tão curta para quem tem a eternidade toda pela frente, o que são 70, 80 anos, para quem vai viver eternamente?

Na Palavra de Deus está escrito que “ao homem está ordenado morrer uma só vez, vindo após isto o juízo!”.

Vimos a este mundo, para decidirmos onde vamos passar a eternidade, e a realidade clara, transparente e objetiva é: Porque Adão, pecou – todos pecaram, e destituídos, fora, estão da glória de Deus, pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna! E para possuímos esta vida eterna só tem uma única maneira, pois só existe um único caminho, uma única verdade e uma única vida, e ninguém pode ir à Deus, a não ser por Jesus Cristo que é O Caminho, A Verdade e a Vida; e Ele mesmo que é a primícia da ressurreição, a morte não pôde detê-lo porque nEle não foi encontrado pecado algum, mas Ele passou da morte para vida, e por isso o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e agora por meio dEle podemos ter Vida e Vida com abundância.

No dia seguinte à Sua morte, Maria e a outra Maria foram ao sepulcro, (quem já perdeu algum ente querido, sempre tem que encarar o dia seguinte!), o dia seguinte para Maria, foi extremamente diferente de qualquer pessoa que já passou por isto.

Por outro lado ao voltar ao Antigo Testamento, vejo Deus chamando a atenção de Josué, dizendo: “Moisés, meu servo é morto, levante-se, pois tu farás este povo herdar o que eu já falei, tão somente esforça-te e tem mui bom ânimo”. Ao observarmos este texto no livro de Josué, podemos ver que para enfrentarmos o dia seguinte após a morte de um ente querido temos que nos esforçar e habilitarmos o ânimo novamente que foi desabilitado.

Se você têm vivido dias de desânimo, desmotivação, angústia, tristeza e depressão após a perda de um ente querido, saiba que em Cristo podemos ter certeza de ressurreição e se uma morte trouxe “morte à tua vida”, saiba que o Espírito Santo de Deus pode ressuscitar os seus sonhos, ideais, motivações, seu ânimo e você viver uma nova vida em Cristo;

Terapia de Luto - A dor da perda!

Certa ocasião, perguntaram a um especialista clínico qual era a maior dor que existe no ser humano, e com toda convicção e propriedade ele disse: “a dor da perda de um ente querido!”.

Ficamos a pensar nesta realidade e realmente não podemos dimensionar o que uma perda proporciona. Qualquer tragédia ou trauma desencadeia uma crise pessoal em maior ou menor grau, provocando assim reações psicossociais.

Ninguém está preparado para perder. Na realidade, o ser humano não foi criado para morrer, a morte é apenas a consequência do pecado, por causa da falha de Adão entrou a morte no mundo, na humanidade, devido a isto o ser humano tem dificuldade para relacionar e superar suas perdas, visto que fomos criados seres trinos, onde somos um espírito que possuímos uma alma e moramos em um corpo, e dentro desta alma temos sentimentos, vontades e emoções, onde criamos relacionamentos, desenvolvemos amor, paixão, confiança, credibilidade, formando assim referenciais, considerações, escoras, e até “ídolos”.

Cada cultura relaciona a perda de uma forma, uns têm mais facilidade de despedir, desligar; a sensação do “nunca mais...”.

Há hoje técnicas e especializações terapêuticas para “dor da perda”, para facilitar elaboração adequada do luto, mas que na verdade este tema há muito tempo têm sido tratado pelo Nosso Deus; como podemos observar em diversas passagens bíblicas, como foi o caso de Josué e Moisés.

A morte pode ser uma transição relativamente silenciosa e pacífica igualmente em qualquer idade.

Nas horas que antecedem a um luto previsível, doenças incuráveis e fase terminal, é nessa hora que as pessoas podem mostrar-se tanto emocional como psicologicamente bastante amadurecidas. Por outro lado o conselheiro, prepara a pessoa para o passamento, ajudando o paciente a estar bem com Deus, com a família, com o próximo e consigo mesmo. A maior necessidade é de um ouvinte compreensivo que se dedique ao caso. É visível quando um paciente está cheio da “paz de Deus que excede a todo entendimento” até no caixão.

Existem perdas traumatizantes, como acidentes, catástrofes, tragédias, assaltos seguidos de vítimas, brigas, assassinatos, suicídios, homicídios, discussões, ou até morte prematura; onde muitas vezes especialistas afirmam ser mais difícil se relacionar do que perdas de ente queridos, idosos, ou enfermos em diagnósticos terminais, mas, que com certeza não deixam de ser uma perda e um grande sofrimento.

O luto é a elaboração cognitiva e emocional do impacto de um trauma sobre a pessoa. A perda de qualquer maneira entra na psique como um estado de “choque” diante de um trauma, onde algumas pessoas correspondem à perda com a incredulidade, ou seja: “não pode ser que ele(a) morreu..., deve ser mentira”, este é um estado de defesa do organismo, ou uma função protetora, onde a mente se prepara para suportar o impacto do que se passou, essa reação normalmente deve durar somente algumas horas, mas é natural muitas pessoas terem este “pressentimento” mesmo depois de um ente querido ter sido sepultado; ou até a sensação que uma hora, a pessoa vai aparecer, “... vai volta de viagem...”, isto até assimilar realmente a perda; a mente, a psique relacionar que a pessoa se foi!

Mortes que matam!!! Por outro lado, existem pessoas que são vítimas de luto, perderam seus entes queridos e nunca mais foram os mesmos, é como se parte desta pessoa morresse com o féretro.

Algumas pessoas perdem seus entes queridos e sepultam seus sonhos, ideais, desabilitam a alegria, não se permitem sorrir novamente, estas, precisam de um acompanhamento com especialistas, terapeutas, que o façam enxergar a vida por um outro prisma, e relacionar com o que está vivo.

É bem comum, em caso de enfermidade com a sucessão de perdas de um filho, uma morte pré-matura, o casal focalizar naquele que perdeu, precisamos despertar para a realidade dos que estão vivos ainda, se preocupar e valorizar os que estão vivos; porque a maior perda, é a perda de uma pessoa que vive!

Já outros após uma perda drástica, catastrófica ou traumática começam a viver um período constante de insônias, interrupção do sono, agitação, pesadelos, ansiedade, angústia, inquietude, irritabilidade frequente, isolamento ou reflexo exagerado de susto.

Outros, dependendo da situação de luto, criam um complexo de culpa, por não ter feito o que se deveria, "... na verdade, eu não imaginava que ela iria morrer....!" então vive um remorso, uma culpa incubada que não se perdoa e não se permite viver novamente. O sentimento de culpa pode facilmente levar à depressão, e culpar o cônjuge pode levar à quebra da comunicação e ao distanciamento, exatamente num momento em que é desesperadamente importante para os pais, para a criança doente e para as demais crianças e familiares.

A somatização destes sintomas, caso não tratados pode levar a doenças psicossomáticas, como depressões, dores generalizadas, dores nos ossos, enxaquecas, enjoos e até desmaios, pressão torácica, falta de ar, cansaço, insônia e problemas gastrointestinais.

Não é anormal registrar reações como apatia, tristeza, medo, culpa ou até uma hipercinesia, (O que é uma pessoa Hipercinesia? Hipercinesia são movimentos involuntários ou movimentos anormais que ocorrem em consequência de disfunções ou lesões que comprometem o sistema motor. Embora possam aparecer em decorrência do acometimento de diversas partes do sistema nervoso, as hipercinesias estão mais associadas ao acometimento dos gânglios da base) a compulsão por um ativismo, uma agitação descontrolada no trabalho para tentar suprir a carência que se está sentindo; todos os extremos são perigosos, tanto como o desejo contínuo de ficar deitado, sem querer levantar, sem ter coragem de encarar "o dia seguinte!", em tudo se precisa buscar o equilíbrio e reabilitar-se para a vida!

A maior certeza da vida é a morte! Portanto aprenda a valorizar a vida e a decidir a sua eternidade ainda em vida, pois realmente não sabemos como será o amanhã, mas enquanto estamos vivos, façamos o bem a todos e vivamos da melhor maneira para que possamos pelo Único e Vivo Caminho – Jesus Cristo, termos uma eternidade de gozo, paz e alegria!

“Sua morte traz vida!”

“E no dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os fariseus em casa de Pilatos, dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor, vivendo ainda, disse: Depois de três dias, ressuscitarei. Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia; não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e assim o último erro será pior do que o primeiro. E disse-lhes Pilatos: Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes. E, indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra. E no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um

relâmpago, e a sua veste branca como a neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos. Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tenhais medo; pois eu sei que buscai a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como tinha dito: Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia. Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito. E, saindo elas pressurosamente do sepulcro, com temos e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos. E, indo elas, eis que Jesus lhes sai ao encontro, dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando abraçaram os seus pés e o adoraram. Então, Jesus disse-lhes: Não temais, ide dizer a meus irmãos que vão a Galileia e lá me verão”. **Mateus 27:62–28:10** é impressionante o tanto de sinais e maravilhas que já havia acontecido na Sua crucificação e morte e nem assim o povo tinha temor ou cria que Ele era o Cristo, mas Mateus narrou aqui o dia seguinte da morte do Senhor Jesus Cristo.

Dia seguinte, sempre acontece onde a situação e a perda se estabelece, existe um processo normal de luto; Os chefes vão até Pilatos e dizem: senhor nós nos lembramos que Ele falou uma coisa: (Existe um processo, a medida do tempo em que acontece um distanciamento físico da pessoa nós nos lembramos e começamos a pensar na fala, como a pessoa era e precisamos tomar um cuidado para não nos aprisionarmos, pela perseguição daquele que morreu. Existem pessoas que passam por depressão por luto complicado).

Os seus inimigos, incrédulos e perseguidores começaram a dizer: “este impostor diz que iria ressuscitar... (**Mateus 27:63**), Pilatos destina uma guarda para o vigiar; e na vida real, na perda real também existem pessoas que estabelecem guardiões da morte. Guardiões: são coisas que vem, aparecem, situações que nos leva a não falar sobre a morte, ou sobre a pessoa, às vezes acontece também uma situação.

A vida precisa ser ventilada sobre a morte, e nós precisamos nos relacionar com isto; Mas a força da vida é maior do que qualquer guardião – **v. 66**. A pedra se porta como o movimento, ou seja, na família, seja no indivíduo, a vida precisa ser destampada para que a morte perca sua força, para muitos falar alguma coisa de morte, o dia seguinte: é tempo maior, um tempo que se estende.

Além dos benefícios espirituais, devemos ministrar à família enlutada alguns apoios logísticos, preservando-a de novos desgastes emocionais, despesas desnecessárias e da ação de pessoas inescrupulosas. Num momento de dor, não faltam os aproveitadores e vigaristas que tudo farão para tirar proveitos da família enlutada. Se tiver alguém neutro (membro da Igreja que saiba auxiliar nos tramites legais e acompanhe a família), evitando assim chantagem emocional e cobranças exorbitantes se aproveitando da fragilidade dos entes queridos.

Na hora de um falecimento, ninguém sabe o que fazer, então acrescento abaixo qual o procedimento para que você tenha conhecimento:

O que fazer em caso de falecimento?

* **Por morte natural** – se o falecimento ocorrer sem assistência médica, a família deve procurar uma delegacia de polícia para registrar um Boletim de Ocorrência. A delegacia, por sua vez, deve comunicar a morte ao Centro de Operações da Polícia Civil (CEPOL), que solicitará ao Serviço Funerário o recolhimento do corpo.

* **Por morte violenta** – nesse caso, uma delegacia de polícia deverá ser avisada. Ela notificará a Polícia Técnica ou Científica, que fará a averiguação da morte e solicitará ao Instituto Médico Legal (IML) o recolhimento e a liberação do corpo para o enterro.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS: Você poderá tratar do funeral em qualquer agência de atendimento do Serviço Funerário, basta apresentar um dos seguintes documentos da pessoa falecida: RG; Certidão de Nascimento (se menor de 18 anos); Certidão de Casamento, Carteira de Trabalho, Título de Eleitor, Certificado de Reservista, CPF, Cartão do INSS ou PIS/PASEP.

Obs: A apresentação da documentação completa é importante para que a certidão de óbito contenha todos os dados. Só assim você poderá solicitar os requerimentos de pensão ou inventário. Porém, a falta de qualquer documento, exceto o laudo médico, não impede a realização da declaração de óbito.

Cremações:

Morte Natural : é necessária a apresentação de todos os documentos citados anteriormente e de um laudo assinado por dois médicos.

Morte Violenta: além dos documentos necessários devem ser apresentados laudo assinado por médico legista, autorização judicial, laudo do IML, boletim de ocorrência e declaração de um delegado de polícia não se opondo à cremação.

Sepultamento:

Existem vagas em todos os 22 (vinte e dois) Cemitérios Municipais.

Terrenos em Cemitérios Municipais – para a aquisição de sepulturas em Cemitérios Municipais, em regime de concessão, basta comparecer à Agência Central (Viaduto Dona Paulina, s/no., baixos), munido de documentos de identidade, ou ligar para **0800.109.850**. Atendimento 24 hs.

Tome nota:

É importante verificar se a pessoa falecida possui convenio funerário; erros na declaração de óbito devem ser retificados dentro de 24 horas após a emissão na Agência Central (tl. **3247.7000**); O Serviço Funerário realiza o transporte de corpos para qualquer cidade do país, além de oferecer vários tipos de funerais, inclusive o gratuito. A responsabilidade pela contratação de funerais, sepultamentos, cremações e transportes de corpos é do Serviço Funerário (não há intermediários autorizados para a realização desses serviços). Os funcionários do Serviço Funerário não estão autorizados a fazer tamponamento ou maquiagem nos corpos, nem indicar locais para compra de coroas, flores, etc. O Serviço funerário tem um telefone para que você possa fazer sugestões, reclamações ou tirar dúvidas: **0800.109.850**.

Ao contratar um funeral: não modifique, nem aceite modificar o endereço residencial, pois pode acarretar consequências graves no INSS, dificultando o recebimento de eventual benefício previdenciário.

O serviço funerário municipal é o único órgão que possui um arquivo histórico de óbitos sendo possível a qualquer momento requerer documentação perdida. Para sua segurança verifique se o serviço oferecido é realmente do Serviço Funerário do Município de São Paulo. Os funcionários portam crachá de identificação. Guarde todos os comprovantes do funeral contratado. O serviço funerário do município de São Paulo se responsabiliza somente pelos serviços prestados por este órgão, em caso de dúvida ou reclamação, ligue: **(11) 3247.7011**.

É sempre importante ter alguém à disposição para ajudar a família durante o sepultamento. Na cerimônia fúnebre a ministração da palavra deve trazer consolo aos familiares e amigos, e nunca condenação ou

acusação, podendo evangelizar com sabedoria, sutileza e muita ética, levando os que ainda não conhecem a Cristo, a aceitarem a fé e terem certeza da vida eterna.

Que possamos transmitir consolo e paz aos que estão se despedindo de um ente querido. A morte será um dia destruída, mas continua sendo uma experiência bastante dolorosa que todos temos de enfrentar. Deus não prometeu aos Seus filhos uma morte fácil, visões de glória nos momentos finais (apesar de algumas vezes concedê-las). Ele prometeu uma porta aberta no além. Jesus Cristo trouxe vida aos homens que estavam mortos em rebelião e pecado. Esta vida está à disposição de todos que se voltam para Ele e nEle confiam. Assim sendo, quando começamos a vida de fé em Cristo, Paulo diz que “ressuscitamos dentre os mortos” e vivemos para Deus.

Os céus tem que ser nosso alvo, temos que ser movidos pela eternidade, essa é a nossa esperança mediante as Palavras de nosso Mestre: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fora assim, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar”. João 14:2

A PERGUNTA QUE MUITOS NÃO TEM CORAGEM DE FAZER: “Iremos nos reconhecer nos céus?”

Sim, nossa identidade pessoal será mantida. Porém, teremos a plenitude do amor ÁGAPE, o amor de Deus que tem o censo absoluto de justiça, então teremos a plena consciência de que, quem não está ali é porque não passou pela Porta que é Jesus Cristo de Nazaré.

O rei Davi encontrou consolo neste pensamento, depois da morte de seu filho ainda criança: “Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim”. **2 Samuel 12:23**. E quando Moisés e Elias, já tinham deixado este mundo há séculos apareceram com Cristo no Monte da Transfiguração, a identidade deles não só foi real, mas no espírito – todos se conhecem.

Como entenderemos os galardões se nossas lembranças fossem apagadas?

O céu é também um lugar de atividade, de trabalho, reinos e governos (mas sem a maldição do esforço físico excessivo contra um solo ingrato), de partilha na responsabilidade do Reino Divino.

Seremos libertados no céu de nosso atual conhecimento intelectual fragmentado, e veremos a verdade e a beleza com uma visão grandemente expandida. “Agora conheço em parte; então compreenderei plenamente, assim como fui completamente compreendido”, ou “agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido”. **1 Coríntios 13:12; 2 Coríntios 1:3-5**.

O céu será supremamente belo. As descrições bíblicas falam de paredes de pedras preciosas, portões de pérolas, ruas de ouro e muito mais. O que consideramos como mais valioso na terra, no céu, veremos os verdadeiros valores, o ouro estará debaixo dos nossos pés. **Apocalipse 22:1-5**.

1 Coríntios 15:53-58 – A GRANDE VERDADE É QUE UM DIA A MORTE MORRERÁ, pois já foi vencida pelo nosso Senhor Jesus Cristo.

VÍDEO YOUTUBE.COM.

- **Vamos falar sobre o luto? | Mariane Maciel | TEDxPelourinho**
- **10 coisas que aprendi sobre o luto | Sarah Vieira**
- **O luto não é uma linha reta | Guilherme Alf**

FILMES:

- **Antes de Partir**
- **A teoria de tudo**
- **Diário de uma paixão**
- **Cartas para Deus**
- **O desejo de Robin Willians**
- **Milagres do Paraíso**
- **Você acredita?**

BIBLIOGRAFIA

- **Aconselhamento Cristão** – Edição Século 21 – Editora Vida Nova – Gary R. Collins
- **Aconselhamento Cristão** – Os recursos terapêuticos da fé cristã para o cuidado da alma – Editora Vida Nova – Eric L. Johnson
- **Enfrentando a morte com esperança – vivendo para o que permanece** – Editora Fiel – David Powlison
- **Manual do Conselheiro Cristão** – CPAD
- **Pastor como conselheiro** – Paul Hoff – CPAD
- **Livre da Culpa** – encontrando alívio para os seus fardos – Editora Fiel – Timothy S. Lane
- **Sofrendo com o suicídio** – ajuda após o choque – Editora Fiel – David Powlison
- **Eu quero morrer** – substituindo pensamentos suicidas por esperança – Editora Fiel – David Powlison
- **Sofrendo com a perda de um filho** – consolo para o coração partido – Editora Fiel – Ryan Showalter
- **Enfrentando a morte** – Joseph Bayly – Editora Mundo Cristão
- **Terapia de Luto – artes médicas** – William Worden
- **Aconselhamento, centrado em libertação** (cps 8-9 sobre crises e perdas) Clinnebel – Editora Sinodal
- **A psicoterapia e situações de perdas e de luto** – Maria Helena Bramberg – Editora PSI.
- **Livre da Culpa** – encontrando alívio para os seus fardos – Timothy S. Lane – Editora Fiel
- **Cura após aborto** – a misericórdia de Deus para você – David Powlison – Editora Fiel
- **Há ganho na perda** – Cátia Baker – Editora Emanuel
- **Superando a dor do luto. Quando vai passar?** Marcos Kopeska Paraíso – A.D. Santos